

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO  
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

A HOMOSSEXUALIDADE E A CLÍNICA  
PSICANALÍTICA

GREICE KLEM

PUC - São Paulo

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO  
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

A HOMOSSEXUALIDADE E A CLÍNICA  
PSICANALÍTICA

GREICE KLEM

Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de especialista em Psicologia Clínica ao COGAE, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Ana Maria Rodrigues da Costa

PUC - São Paulo

2008

# BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ana Maria Rodrigues da Costa – Orientadora

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof. Dra. Sandra Dias – Coordenadora do curso

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof. Dra. Walkiria Helena Grant - Parecerista

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

São Paulo, 08 de Julho de 2008.

Aos sujeitos em constante mutação diante da  
fluides dos tempos atuais.

# AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, sem os quais esse trabalho não poderia existir.

Ao Thiago, pelo amor e respeito pelo meu trabalho e pela espera na solidão nesses meus dias de escrita.

À Ana Maria Rodrigues da Costa pela ajuda e orientação acertada nos momentos em que mais precisei.

À Ana Laura Prates Pacheco pela escuta atenta e pelas pontuações precisas que certamente fizeram com que esse texto pudesse ser produzido.

## RESUMO

Pesquisa bibliográfica realizada com o intuito de responder a questão da posição do psicanalista frente à questão da homossexualidade. Discutem-se, primeiramente, alguns aspectos históricos, situando a psicanálise em seu tempo e sua época. Após, apresentam-se alguns pontos da teoria freudiana sobre perversão e homossexualidade. Em seguida, discutem-se os mesmos pontos na psicanálise lacaniana. Adiante, comenta-se sobre os autores da atualidade que tratam desse tema, para por último, fazer algumas considerações que possam contribuir para responder a questão proposta.

Palavras-chaves: homossexualidade, psicanálise, Freud, Lacan.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. UMA BREVE HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE....</b>	<b>13</b>
2.1 ROMA E GRÉCIA ANTIGAS .....	13
2.1.1 Roma.....	14
2.1.2 Grécia.....	16
2.2 IDADE MÉDIA .....	18
2.3 IDADE MODERNA .....	20
2.4 HOMOSSEXUALIDADE E CONTEMPORANEIDADE .....	23
2.5 HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL.....	26
<b>3. FREUD E A QUESTÃO HOMOSSEXUAL.....</b>	<b>30</b>
3.1 ÉDIPO EM FREUD .....	30
3.1.1 Amor pela mãe e ódio pelo pai.....	31
3.1.2 Surge o complexo .....	32
3.1.3 Segundo modelo: estrutural .....	33
3.1.3 A questão da alteridade e o Édipo invertido.....	34
3.1.3 A forma completa do Édipo .....	36
3.1.4 A Questão da Castração .....	38
3.2 A TEORIA FREUDIANA DAS PERVERSÕES .....	41

3.3 A HOMOSSEXUALIDADE NA TEORIA FREUDIANA.....	43
3.3.1 Perversidade .....	44
3.3.2 Bissexualidade .....	46
3.3.3 Passividade .....	49
3.3.4 Hostilidade.....	50
3.3.4 Masoquismo .....	51
<b>4. A CONTRIBUIÇÃO DE LACAN .....</b>	<b>54</b>
4.1 ÉDIPO LACANIANO.....	55
4.1.1 O falo de Lacan .....	55
4.1.2 O estágio do espelho.....	57
4.1.3 O primeiro tempo do Édipo.....	58
4.1.4 O segundo tempo do Édipo.....	59
4.1.5 O terceiro tempo do Édipo.....	60
4.1.6 A metáfora paterna.....	61
4.2 A CONCEPÇÃO LACANIANA DE PERVERSÃO.....	63
4.3 HOMOSSEXUALIDADE NA OBRA LACANIANA.....	66
<b>5. HOMOSSEXUALIDADE: DISCUSSÕES ATUAIS.....</b>	<b>70</b>
5.1 PERSPECTIVAS SÓCIO-HISTÓRICAS .....	72
5.1.1 A crise da família nuclear .....	72
5.1.2 A mulher no mercado de trabalho .....	73
5.1.3 Separação entre sexualidade e reprodução.....	74
5.1.4 Os homossexuais .....	75



5.2 OS PROBLEMAS DE GÊNERO DE JUDITH BUTLER.....	76
5.3 TEORIAS QUEER E OS GAYS & LESBIAN STUDIES.....	78
5.4 JEAN ALLOUCH.....	80
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>88</b>

# 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da indagação a respeito do lugar do analista diante da escuta de homossexuais. Ao longo de minha experiência clínica, em diversos momentos, surgiram pessoas buscando atendimento no qual diziam que eram homossexuais

Tendo em vista isto, o surgimento dessa demanda, o que pode o analista pensar? Já é ponto de partida, pensando do ponto de vista do diagnóstico diferencial, que esse sujeito é de estrutura perversa? Ou seria seu sintoma a homossexualidade? Com quais recursos teóricos podemos contar? O que pode o analista fazer além de dizer, diante da presença da homossexualidade, que ele (analista) não tem preconceito?

Não é necessária muita pesquisa para percebermos o quão crescente tem sido o movimento gay. A 12ª Parada Gay, realizada em maio de 2008, teve uma participação por volta de cinco milhões de pessoas<sup>1</sup>. É um número considerável e não podemos deixar de pensar que muitos nos procurarão com suas dores e angústias. Além disso, não podemos deixar de considerar também que há um importante fenômeno surgindo atualmente: as famílias que tem como pais casais homossexuais.

A união de casais homossexuais no Brasil ainda não é garantida por lei, o que é claro, não quer dizer que elas não aconteçam. A adoção de crianças por esses casais também não é permitida, mas, da mesma forma, não quer dizer que não existam crianças sendo criadas por pais do mesmo sexo.

A partir disto, podemos indagar se seria apenas uma reprodução do velho modelo pai-mãe-filho no qual um dos membros ocuparia o lugar de “mãe” e o outro o lugar de “pai”? Haveria, então, uma reprodução das posições masculinas

---

<sup>1</sup> Folha Online. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/videocasts/ult10038u404521.shtml>

e femininas tal qual descrita pela psicanálise? Ou estaríamos diante de novos lugares e posições no qual o sujeito poderia se situar?

Outro ponto importante que não podemos deixar de observar é a multiplicidade de parceiros sexuais com os quais um sujeito pode se relacionar ao longo de sua vida. Há aqueles que só escolhem pessoas do mesmo sexo; outros, somente pessoas de sexo diferente. Há aqueles, porém, que variam suas opções ao longo de suas vidas: ora suas escolhas recaem sobre uma relação homossexual, ora, sobre uma relação heterossexual.

Como situar então, esses sujeitos diante de sua escolha de objeto? Como se dá a escolha de objeto para quem escolhe alguém do mesmo sexo? E como situar essa escolha que ora tende para o homossexual, ora tende para o heterossexual?

Diante disso, do ponto de vista metodológico o presente trabalho pretende fazer um levantamento teórico sobre a forma como a homossexualidade foi abordada pela psicanálise, em especial por Freud e Lacan. Depois disso, discutiremos juntamente com autores mais atuais, no caso, Judith Butler, Jean Allouch e Elisabeth Roudinesco. Apresentaremos, conforme seja necessário, as diferenças entre a homossexualidade de homens e a de mulheres.

Além disso, consideramos importante tratar da teoria da sexualidade, tanto para Freud, quanto para Lacan. Já adiantamos que, tanto para um autor, como para o outro, há diferentes percursos no qual um menino ou uma menina, a partir de seu nascimento, percorre até atingir sua maturação sexual. Da mesma forma como ressaltamos anteriormente, faremos, conforme se faça necessário, uma diferenciação desse percurso para os homens e para as mulheres.

Mas, antes de tudo, faremos um breve percurso nos diferentes períodos históricos, para apresentar de que forma a homossexualidade era vista antes do advento da psicanálise por Freud. E daremos também uma ênfase na construção histórica da homossexualidade no Brasil, sem nos esquecermos, é claro, de

diferenciar a forma de tratamento da homossexualidade para homens e para as mulheres, caso seja necessário.

Ao final, procuraremos fazer algumas considerações, diante do que foi levantado pelo presente trabalho, apresentando o que esse estudo contribuiu para responder a essas questões em minha clínica analítica.

## 2. UMA BREVE HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Neste capítulo, abordaremos a homossexualidade ao longo da história, de forma que, possamos observar como as diferentes sociedades, nos diferentes períodos históricos, se relacionaram com os sujeitos que escolhiam como parceiros sexuais pessoas do mesmo sexo.

É importante salientar que não buscamos um aprofundamento da questão histórica, uma vez que não é esse o nosso objetivo neste trabalho. Procuraremos, apenas, apresentar alguns pontos de forma que, possamos ter uma idéia geral de como essa questão foi abordada nos diferentes períodos da História.

### 2.1 ROMA E GRÉCIA ANTIGAS

Na Roma e Grécia Antigas o termo homossexualidade não era empregado; este só foi cunhado no ano de 1870, conforme veremos abaixo. O termo utilizado para as relações entre sujeitos do mesmo sexo era sodomia. A palavra sodomia vem da cidade bíblica Sodoma. Esta cidade, segundo o dicionário Houaiss<sup>2</sup>, possuía diversos adeptos desta prática.

É importante ressaltar que a palavra sodomia, de acordo com o referido dicionário, também se refere ao coito anal entre um homem e uma mulher. Já o dicionário Michaelis<sup>3</sup>, registra que esse termo também se refere ao coito entre pessoas do mesmo sexo, tanto entre homens, quanto entre mulheres.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=sodomia>

<sup>3</sup> Disponível em: <http://michaelis1.locaweb.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=sodomia>

O fato é que, nas Roma e na Grécia de antigamente, a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era vista e avaliada de uma maneira bem diversa da que temos hoje.

Os principais mitos relacionados à homossexualidade do homem grego chegaram até nós por meio dos antigos romanos, que chamavam o relacionamento entre dois homens de “amor à grega”, mesmo vivendo eles em uma sociedade muito mais libertina que a dos próprios gregos. A literatura ocidental incorporou esse conceito e nos foi passada a idéia de que na Grécia Antiga todo dia era dia de orgia, uma verdadeira Sodoma e Gomorra, idéia essa totalmente equivocada. (CORINO, 2006, p. 20)

### 2.1.1 Roma

Então, como pensavam os romanos, já que, segundo o excerto acima, eles consideram os gregos mais libertinos do que eles? Em primeiro lugar, os romanos consideram-na antinatural. Além disso, eles possuíam duas posições diante da homofília, dependendo do grupo ao qual estavam inseridos: “a maioria indulgente achava-a normal e os moralistas políticos achavam-na às vezes artificial, da mesma maneira, aliás, que todo prazer amoroso.” (VEYNE, 1987, p. 40).

Entender a homofília como antinatural, segundo Veyne (1987) quer dizer que está em desacordo com as normas sociais. Platão, embora seja um filósofo grego, tem uma definição de antinatural que muito bem se aplica aos romanos:

Para Platão, não era o homossexual que era contra a natureza, mas tão-somente o gesto que ele realizava. A diferença é grande: um pederasta não era um monstro, um representante de alguma raça com pulsões incompreensíveis – era muito simplesmente um libertino, movido pelo instinto universal do prazer, e que ia até o ponto de fazer um gesto, a sodomia, que os animais não fazem. O horror sagrado pelo pederasta não existia. (VEYNE, 1987, p. 41)

O cidadão romano podia ter relações com homens e mulheres; podia penetrar seu escravo, mas “em compensação era monstruoso, da parte de um cidadão, ter complacências servilmente passivas.” (VEYNE, 1987, p. 39).

De acordo com Veyne (1987), a paixão amorosa, segundo os pensadores políticos de Roma, era mal vista; mas, assim também era julgada toda forma de paixão, pois enfraquecia o homem-soldado. Já os indulgentes, achavam que, quando um cidadão era penetrado por um escravo, este o estava desprezando. Isso não era bom, pois invertia as posições na sociedade.

A lei protegia o adolescente livre, seja ele homem ou mulher, de ser penetrado por um escravo – nota-se que não havia distinção entre os sexos e sim, entre passividade e atividade. “Nesse mundo não se classificavam as condutas de acordo com o sexo, amor pelas mulheres ou pelos homens, e sim, em atividade e passividade: ser ativo é ser másculo, seja qual for o sexo do parceiro chamado passivo.” (VEYNE, 1987, p. 43).

Mas, já ao homofílico passivo e livre, segundo Veyne (1987), havia um grande repúdio. O desprezo não era em relação ao seu objeto de amor, isto é, ao fato de gostar de outros homens, mas sim, por ser passivo diante deles. A passividade era considerada falta de virilidade e isto era considerado um vício capital. Mas, por outro lado, a felação era considerada uma injúria maior ainda, seja ela feita por mulheres, seja feita por homens.

De onde vem e essa estranha cartografia dos prazeres e das infâmias? De pelo menos três causas que não devem ser confundidas. Roma é uma sociedade "machista", como tantas outras, quer conhecessem a escravatura, quer a desconhecessem; a mulher está a serviço do homem, espera o desejo dele, tem o seu prazer se puder e esse prazer é muitas vezes moralmente suspeito (tanto que, contra toda verossimilhança, as prostitutas eram vistas como mulheres movidas pelo gosto do prazer). Em segundo lugar, esse virilismo liga-se à parte oculta do iceberg que político das sociedades antigas. Para ir mais rápido, recorramos à analogia e evoquemos o ódio contra a lascívia dos grupos militaristas ou ainda na sociedades de pioneiros que se sentem no meio de um ambiente perigoso. Finalmente, Roma é uma sociedade escravagista no qual o ama exerce o direito de senhor (*droit de cuissage*), tanto que os escravos tinham feito da necessidade de uma virtude no provérbio: "Não há vergonha em se fazer o que o amo ordena." (VEYNE, 1987, p. 45)

Em relação à homofilia feminina, Veyne (1987) coloca que a Roma Antiga tinha por essas mulheres grande rejeição, especialmente por aquela que fosse ativa. Isto representava, do ponto de vista romano, uma forma de a mulher querer ocupar o lugar do homem. E para uma sociedade machista, uma mulher querer se igualar a um homem não podia ser aceito e deveria ser repudiado.

Um último ponto a ressaltar: na literatura e nas artes romanas eram muito comuns alusões a relações homofílicas. Estas eram tratadas sem censura; aos praticantes, porém, cabia a discricção de não confessá-las.

### 2.1.2 Grécia

Embora possuísse muitas semelhanças com Roma, há algumas particularidades da forma como a sodomia era tratada na Grécia Antiga, que a distingue da maneira tratada pelos romanos. Foi esse o motivo pelo qual optamos por apresentá-las separadamente neste capítulo.

Corino (2006) afirma que as cidades-estados gregas tratavam de forma diferente a homofilia.

Em Esparta, uma sociedade guerreira, os casais de amantes homens eram incentivados como parte do treinamento e da disciplina militar. Essas práticas dariam coesão às tropas. Em Tebas, colônia espartana, existia o Pelotão Sagrado de Tebas, tropa de elite composta unicamente de casais homossexuais. Eram extremamente ferozes, pois lutavam com muita bravura para que nada acontecesse a seus parceiros. Em campo de batalha eram quase imbatíveis. Assim, podemos ver que a homossexualidade dos espartanos em nada influenciava sua condição de homens e guerreiros. (CORINO, 2006, p. 20)

A prática sodomita na Grécia era, de acordo com Corino (2006), permitida somente para homens de idades diferentes. Para homens de mesma idade, era



considerado antinatural. Por antinatural podemos nos remeter a definição acima, dada por Platão (p. 14). Da mesma forma que em Roma, era considerada falta de virilidade um homem manter relações sexuais passivas com outro homem de igual idade.

A relação homossexual básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o erastes (amante), por um jovem a quem chamavam eromenos (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Esse relacionamento era chamado paiderastia (amor a meninos), ou, como pode ser melhor compreendido, homoerotismo, e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do erastes ao eromenos. (CORINO, 2006, p. 22)

Para Foucault (1999) a homossexualidade na Grécia Antiga não existia, tratava-se de relações entre homens e mulheres ou entre homens em busca de prazer.

Grant (2002) nos lembra que o termo lesbianismo vem da ilha grega de Lesbos onde nasceu a poetisa Safo.

O estilo de vida das mulheres em Lesbos era caracterizado pela liberdade: podiam circular pelas ruas, participar eventos sociais; enquanto que na Grécia as mulheres eram confinadas ao espaço privado. Safo pertencia a uma família onde reinava luxo e conforto; pôde dedicar-se à musiké, isto é, à arte de bem-viver, à dança, à música e à poesia. (GRANT, 2002, p. 146)

Grant cita um belo poema de Safo (1982, apud GRANT, 2002, p. 147), chamado Recordação, no qual reproduziremos um trecho, em que ela, Safo, declara seu amor homofílico.

“E terna ao meu lado deitada

Em um leito macio, como tu em mim

Não mitigavas tua sede e fome.”

## 2.2 IDADE MÉDIA

Ao tratarmos dos séculos compreendidos pelo que, historicamente denominamos de Idade Média, não podemos deixar de considerar a grande influência que a Igreja Católica teve no Ocidente. Assim, daremos neste subcapítulo uma ênfase à forma como a Igreja pensou e se relacionou com a questão da homossexualidade.

Embora a Igreja Católica deva muitos de seus valores à Grécia Antiga, temos que lembrar que muitas de suas doutrinas são baseadas no judaísmo. Dessa forma, na Bíblia, no livro de Levítico, capítulo 18, Deus fala a Moisés sobre os casamentos proibidos. No versículo 22, está a passagem que trata da homossexualidade: “Nenhum homem deverá ter relações com outro homem; Deus detesta isso.” (BÍBLIA SAGRADA, 1995, p. 127).

Um pouco mais adiante em Levítico, agora no capítulo 20, são tratados dos castigos para os pecados que o homem possa cometer. Segundo tal passagem, Deus ordena diretamente a Moisés que diga ao povo sobre esses castigos. No versículo 13 temos uma referência à punição dada à homofilia masculina: “Se um homem tiver relações com outro homem, os dois deverão ser mortos por causa desse ato nojento; eles serão responsáveis pela sua própria morte.” (BÍBLIA SAGRADA, 1995, p. 127).

Com a expansão do cristianismo por toda Europa, vemos que na Idade Média que há uma grande influência da Igreja Católica. Os preceitos religiosos se espalharam por todos os âmbitos da vida social e como não poderia deixar de ser, afetou também a forma como a homossexualidade era encarada.

Ariès (1987) ao tratar de São Paulo, diz que este classificou como pecado contra o corpo, sendo este considerado a morada de Deus, um homem manter relações sexuais com outro homem. Dessa forma, reafirma aquilo que já aparecia no Velho Testamento.

Ariès (1987) ainda nos lembra que São Paulo não menciona a condição no qual duas mulheres mantêm relações sexuais entre si. “Havia, a partir de então, uma moral sexual, pecados contra o corpo, devidos ao uso ou ao abuso das inclinações sexuais, dir-se-á concupiscência.” (ARIÈS, 1987, p. 52).

Na Carta de Paulo aos Romanos, capítulo 1, versículos 26 e 27 (BÍBLIA SAGRADA, 1995) há uma referência às relações homossexuais. Há também nessa passagem, uma menção à questão da homossexualidade feminina. Assim, São Paulo fala da troca das relações naturais, pelas não naturais. Afirma ele que isso é contra a natureza, tanto dos homens, que trocam suas mulheres por outros homens, como das mulheres, que trocam seus parceiros masculinos por outras mulheres. Acrescenta também que as pessoas devem ser castigadas por isso, embora não mencione qual seria esse castigo.

Já na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios (BÍBLIA SAGRADA, 1995), capítulo 6, versículos 9 e 10, Paulo fala que os “maus não herdarão o Reino de Deus” (p. 212) e dentre esses “maus” ele inclui os homossexuais. E na Primeira Carta de Paulo a Timóteo (BÍBLIA SAGRADA, 1995), ele diz que as leis de Deus são aplicadas não só para os bons, isto é, aqueles que crêem e seguem as leis, como também para os maus, isto é, os que não seguem as leis. Novamente inclui dentre os “maus” os homossexuais.

É importante salientar que não era só no âmbito religioso que a Igreja mantinha sua influência. Na Idade Média, o Estado era descentralizado e isso permitia que a Igreja não só ocupasse o lugar de autoridade religiosa, como também de autoridade política.

Se nas Grécia e Roma Antigas, como foi exposto acima, a sodomia era tolerada e em alguns casos, incentivada, Jurkewicz<sup>4</sup> fala que na Idade Média os imperadores cristãos intensificaram a condenação da homofilia através da criação de leis severas.

Entre os séculos VII e XI, encontra-se na literatura da história da Igreja Católica, os Penitenciais: um guia para os sacerdotes e fiéis, aos que se

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/regina.pdf>>

instruía mediante uma penitência sobre a gravidade dos pecados cometidos. É nos Penitenciais que distingue-se por primeira vez as diferentes formas de atos homossexuais: toques, afetos, masturbação... homossexualidade ativa e passiva, habitual e ocasional. A homossexualidade é sempre julgada como pecado grave e as penas eclesiásticas oscilam entre 3 e 15 anos... As penas impostas são mais duras para clérigos ou monges do que para leigos. Pela primeira vez cita-se a homossexualidade feminina e sua penalidade é inferior à masculina. (Jurkewicz<sup>5</sup>, p. 1)

Ainda citando Jurkewicz<sup>6</sup>, é com Tomás de Aquino que a homofilia torna-se um grave pecado. Ele a considerava como uma forma de violação da ordem natural que foi estabelecida por Deus e, desta forma, seria uma ofensa direta a Deus e não só ao próximo.

## 2.3 IDADE MODERNA

A Idade Moderna foi caracterizada culturalmente e de forma essencial, pelos movimentos do Renascimento, Iluminismo e pela Reforma e Contra-Reforma da Igreja Católica. Foi um período onde se disseminou o ideário de busca por uma maior liberdade individual e de contestação das idéias ditas, tradicionais, isto é, aquelas propagadas durante o período de obscurantismo intelectual, como é denominada a Idade Média.

Se por um lado temos com o Renascimento e com o Iluminismo o surgimento de novas idéias que levaram à Revolução Francesa, ao início do desenvolvimento da Ciência como a conhecemos hoje, ao surgimento das cidades, à revolução burguesa e à expansão marítimo-comercial com a Europa atingindo regiões nunca antes conhecidas.

---

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Ibid.

Temos, por outro lado, a formação dos Estados Nacionais Absolutistas de caráter divino, no qual o rei era considerado um representante de Deus na Terra. E assim, dessa forma, manteve-se e até expandiu-se o domínio e a influência da Igreja Católica nas esferas da vida social.

Com isso, podemos observar que a Modernidade foi uma época onde a Inquisição atuou de forma muito incisiva, de maneira que, a perseguição aos hereges foi extremamente intensificada.

Como já apontamos anteriormente, a homossexualidade era considerada um pecado na Idade Média, porém seus praticantes não eram, por assim dizer, muito perseguidos. Mas, na Época Moderna, a partir de Tomás de Aquino, como expusemos acima (p. 20), houve um aumento na gravidade do pecado, de forma que, também houve uma intensificação da punição a esses “pecadores”.

Como o desenvolvimento da Ciência e a busca pela razão, começou a se desenvolver uma nova forma de se pensar as questões sexuais e, é claro, a homossexualidade. Esse conjunto de idéias, porém, só tomou corpo com o advento da Época Contemporânea, como veremos abaixo.

Um exemplo desses nascimentos que surgiram é dado por Costa (1995, p. 135-136):

Na época moderna, o conceito de instinto começa a fazer parte do vocabulário médico, a partir do movimento intelectual dos "ideólogos" ou "ideologistas". Destut de Tracy e Cabanis são os principais representantes do movimento. Os ideólogos tinham a ambição de construir uma teoria materialista das idéias, ou seja, de explicar a gênese fisiológica das sensações de pensamentos (...). No caso da sexualidade, tratava-se de observar como o dado biológico da diferença sexual se traduzia na diversidade das emoções, sensações, sentimentos, inclinações, enfim, nas características psíquicas, morais ou sociais dos homens e mulheres. O instinto sexual é um conceito que vai funcionar como suporte material da teoria. (...). Nos humanos, a atração era determinada pelo "desenvolvimento dos órgãos" que experimentavam uma tendência a serem sensíveis aos estímulos de fora e de dentro que mais apresentassem "afinidades eletivas" com suas organizações. (...) Os instintos produziam diferenças entre homens e mulheres e eram responsáveis pelo tipo de atração que se chamava amor.

Já Foucault (1999, p. 21-22), afirma sobre o século XVII:

Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria da sociedade chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas de extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, e impõe o silêncio. Censura. (...) Consideremos a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão, depois do Concílio de Trento. Cobra-se, progressivamente, a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grande número daquelas que eram correntes no século XVII.

Um pouco mais adiante, nesta mesma obra, Foucault nos fala que até o final do século XVIII havia três códigos explícitos que regiam a vida sexual das pessoas: o direito canônico, a Igreja e a lei civil.

“Eles fixavam, cada qual a sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. (...) Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a ‘carícia’ recíproca” (p. 38-39).

Portanto, podemos observar que Foucault situa que a sexualidade para o sujeito moderno foi se sendo posta gradativamente em um discurso repressivo. Dessa forma, as relações sexuais diferentes do padrão estabelecido, que era a relação sexual para procriação, dentro do casamento heterossexual e monogâmico, passaram a ser entendidas como perversão. Era preciso esconder, reprimir, mas com isso, também se falar dela.

É importante lembrar que essa prática de falar, de forma confessional, já estava presente na Idade Média, nas práticas religiosas da Igreja cristã.

Já Costa (1995) salienta que só foi na Modernidade que a noção de diferença sexual foi construída. Antes disso, existia a noção de que a mulher era o homem invertido; noção essa que vinha da Antiguidade Clássica. “Do ponto de vista científico, portanto, só havia um sexo mais ou menos bem-sucedido em sua evolução. A mulher era representante inferior de um sexo cujo nível máximo de realização aparecia no corpo do macho” (p. 101). Isso não quer dizer, de forma alguma, que não se percebiam as diferenças sexuais que são visíveis a olho nu – elas só não eram traduzidas como sendo de forma originária.

Ressaltamos também que Foucault (1999) afirma que foi em 1870, portanto no final da Modernidade e no início da Contemporaneidade, que a categoria psicológica, médica e psiquiátrica de homossexualidade foi caracterizada por Westphal.

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1999, p. 45)

Isso posto, passaremos então a tratar da Contemporaneidade, e chegaremos até os dias atuais, mas, já adiantamos que, as bases para o desenvolvimento que apresentaremos a seguir já estavam presentes nesses séculos anteriores.

## 2.4 HOMOSSEXUALIDADE E A CONTEMPORANEIDADE

A Época Contemporânea tem seu início histórico com a Revolução Francesa, no final do século XVIII, onde os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade foram amplamente divulgados e por eles é que se lutou.

Nos países ocidentais, outros marcos importantes desses anos iniciais, ainda neste mesmo século, foram a Revolução Industrial, a ascensão da burguesia como classe social dominante e a consolidação do capitalismo como forma econômica, isso sem contar, é claro, como o enfraquecimento político da Igreja Católica.

É uma Época também de grandes guerras: as napoleônicas, no século XVIII, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, no século XIX. Em decorrência delas, há uma grande reconfiguração dos territórios, o surgimento de governos democráticos e a independência das colônias européias na Europa e na África. Presenciamos também, logo após a segunda grande guerra, a emergência de duas super potências: os Estados Unidos, liderando o bloco capitalista e a União Soviética, o bloco capitalista.

Assistimos também ao fim desta última, após a queda do muro de Berlim e ao surgimento de uma Nova Ordem sob a hegemonia absoluta dos Estados Unidos. Dessa maneira, ocorrendo uma nova divisão mundial: países ricos e países pobres, sendo estes últimos essencialmente constituídos pela América Latina, Ásia e África.

Todos esses eventos históricos que acabamos de citar, contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento vertiginoso, nunca visto antes na História, das Ciências Exatas, das Biológicas e das Humanas.

É nesse período que temos o advento da psicanálise por Freud, em 1900, com a publicação da Interpretação dos Sonhos.

Assim, é no início dessa Época que a sexualidade, assim como as outras esferas da vida humanas, passaram a ser assunto científico. Foucault (1999) fala que é na passagem do século XVIII para o XIX que



A tecnologia do sexo, basicamente, vai-se ordenar a partir desse momento, em torno da expressão médica, da exigência de normalidade e, ao invés da questão da morte e do castigo eterno, do problema da vida e da doença. A "carne" é transferida para o organismo. (p. 111)

Ocorre, a partir daí, uma separação entre a medicina do corpo, isto é, a medicina geral, e a medicina sexual. O instinto sexual passa a ser entendido como sendo uma parte do organismo que poderá apresentar anomalias de ordem constitucional, isto é, que podem ser explicadas pela hereditariedade; mas que também pode adquirir algum desvio ou doença. Estas últimas poderiam ou não possuir caráter hereditário.

O fato é que essas "doenças" possuíam um caráter de degenerescência. É neste momento que a noção de perversão atinge o seu auge. Foucault (1999, p. 112): "O conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência constitui o núcleo sólido das novas tecnologias do sexo."

Ariès (1987) fala que o homossexual do início do século XIX era considerado um monstro e um perverso, e que a medicina tomou emprestado a concepção que a Igreja tinha da homossexualidade.

Ela se tornou uma doença, ou melhor, uma enfermidade que um exame clínico podia diagnosticar. (...) Os médicos haviam aprendido a detectar o homossexual, o qual, entretanto, se escondia. O exame do ânus ou do pênis bastava para desmascará-los. Apresentava deformidades específicas, como os judeus circuncidados. Constituíam uma espécie de etnia, ainda que suas características específicas fossem adquiridas pelo uso, mais do que determinadas pelo nascimento. O diagnóstico médico ficava preso entre as duas evidências: uma, física, a dos estigmas do vício, que eram encontrados quase que por toda parte entre os debochados e os alcoólatras; a outra, moral, que impelia ao vício e apresentava perigo de poder contaminar elementos sadios. (p. 81)

Nesse período, nos conta Ariès (1987), os homossexuais se defendiam ora se escondendo, ora confessando. Neste último caso, para que pudessem ser salvo do mundo da perversão pela medicina.

Esse discurso do sexo, por outro lado, nos fala Foucault (1999), servia mais para ocultá-lo, por medo das perversões, do que para descobri-lo; pelo menos até a chegada de Freud.

"Numa segunda etapa, os homossexuais abandonam a um só tempo a clandestinidade e perversão para reivindicar seu direito de serem abertamente como são, para afirmar em sua normalidade." (ARIÈS, 1987, p. 82). A partir daí, os próprios homossexuais é que começam a reivindicar sua diferença. Começam a exigir o seu lugar nessa sociedade.

Segundo Ariès (1987) com o advento da psicanálise e sua difusão pela cultura, uma tendência que já existia desde o final da Modernidade se consolida definitivamente: a destruição existente entre a barreira do sexual e do não-sexual.

As formas mais atuais de se pensar a homossexualidade serão apresentadas no capítulo V. Consideramos importante apresentarmos, primeiramente, o pensamento psicanalítico, pois este influenciou e revolucionou sobremaneira toda e qualquer forma de se pensar a sexualidade e a homossexualidade.

Passaremos agora a uma breve discussão sobre a questão homossexual no Brasil, para logo em seguida, discutirmos a questão para a psicanálise em Freud e depois, em Lacan.

## 2.5 HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL

A chegada dos portugueses ao Brasil se dá num contexto histórico-político denominado Expansão marítimo-comercial. que ocorreu no início do século XVI.

Embora Fry (1982) diga que, ao se tratar da homossexualidade masculina no Brasil é importante que consideremos o momento histórico, a região e também a classe social; para nosso estudo, apenas faremos as distinções quanto ao período histórico, pois consideramos que, para este trabalho, não se faz necessário detalharmos essa questão por região ou classe social.

Assim, os primeiros habitantes europeus trouxeram consigo toda a bagagem social, religiosa e cultural que ocorria na Europa, mas de certa forma, desenvolveram aqui algumas diferenças, já logo de início, dada a condição com o qual os pioneiros se encontraram aqui.

Almeida Neto (1999) assim define esses primeiros momentos:

O Brasil surge no cenário quinhentista como uma “terra de ninguém”, um “inferno verde”, onde uma massa crescente de homens brancos, ávidos por riqueza fácil e prazeres da carne, mistura-se a povos indígenas, representados ora como símbolos da inocência ora como selvagens impudicos e impiedosos, e a negros escravizados na África e trazidos para o “Novo Mundo” a fim de trabalharem na domesticação de uma natureza exuberante e ao mesmo tempo assustadora.

Nesse cenário aparentemente entrópico, a ausência inicial de mulheres brancas era uma realidade que servia de alibi a justificar todo o desregramento e a concupiscência reinantes nos contatos afetivo-sexuais entre homens brancos, auto-proclamados donos da terra, e mulheres e homens negros e indígenas, desenraizados de seus agrupamentos sociais de origem, considerados inferiores “por natureza” e colocados a serviço do projeto predatório-civilizador português. (p. 85)

Dessa forma, afirma Almeida Neto (1999), que esse ambiente não era favorável ao desenvolvimento do ideário familiar heterossexual e monogâmico da família burguesa. Afirma ainda que, mesmo no cenário cultural europeu, a configuração familiar burguesa ainda não estava totalmente consolidada, de forma que, ainda dominava o modelo cristão de família. Outro ponto que este autor destaca é que a Igreja, por meio da Companhia de Jesus, mandava seus missionários para as terras brasileiras com o intuito de difundir seus preceitos religiosos e também familiares. E por último, e não menos importante, o referido autor destaca a falta de núcleos urbanos e a baixa institucionalização das relações sociais, ocorridas no início da colonização.

Até o século XVIII, portanto, as representações e práticas sociais referentes à família e ao casamento foram fortemente marcadas por uma influência católica, ainda que não o suficiente para evitar que o concubinato fosse quase uma regra e a dissolubilidade do vínculo conjugal, uma constante; que a dupla moral sexual permitisse aos homens a constituição de núcleos familiares que se aproximavam da poligamia; e que os casamentos religiosos – escassos entre as classes populares, onde predominava o concubinato – raramente contassem com a concordância dos noivos, servindo muito mais para afirmar alianças entre famílias abastadas. O casamento religioso e a constituição de famílias, por outro lado, parecem ter sido remédios pouco eficazes na luta contra a concupiscência endêmica, registrada no nosso imaginário histórico por meio do entendimento de que, ao longo de todo o período colonial, prevaleceu uma grande promiscuidade sexual, expressa particularmente nos abusos sexuais recorrentes nas relações entre senhores e escravos/as. (ALMEIDA NETO, 1999, p. 87)

De acordo com Vainfas (2002) o Santo Ofício começou a perseguir, também aqui no Brasil, os praticantes da sodomia – considerada um pecado nefando. A Inquisição portuguesa estabeleceu a relação entre sodomia e heresia.

No fim do século XIX, ou seja, em um Brasil que não é mais colônia, há a difusão do modelo médico para o estudo da sexualidade – de forma semelhante como a que ocorreu na Europa. Fry (1982) destaca o livro de Pires Almeida, do campo da Medicina, chamado Homossexualismo. Nele é feita uma descrição das diversas práticas consideradas perversas nessa época. Ressalta que é só através do casamento monogâmico e heterossexual que se poderiam evitar essas doenças.

Neste mesmo período, houve uma difusão de autores que se propunham a discutir a gênese da homossexualidade através da Biologia, afirma Fry (1982). Assim, da mesma forma que ocorreu na Europa, a homossexualidade sai do campo do pecado e entra para o controle da Medicina. E como doença, há a possibilidade de cura! “E todos os homens classificados como ‘homossexuais’ são agora sujeitos ao tratamento ‘médico pedagógico’” (Fry, 1982, p. 101).

Fry, na obra citada acima, ressalta que no Brasil a homossexualidade nunca foi considerada um crime, isto é, nunca esteve presente no Código Penal, mas que muitos dos sujeitos que foram considerados homossexuais eram

encaminhados para estudo nos laboratórios de Antropologia nos quais os médicos realizavam estudos sobre as causas biológicas e sociais da homossexualidade.

### 3. FREUD E A QUESTÃO HOMOSSEXUAL

O presente capítulo pretende apresentar e discutir a questão homossexual do ponto de vista freudiano. Consideramos importante percorrer a forma como Freud concebeu sua teoria sexual, para que possamos situar a homossexualidade dentro dela.

Para atingir nosso objetivo, dedicaremos um dos itens deste capítulo para discutir o complexo de Édipo em Freud, depois faremos algumas considerações a respeito da perversão na teoria freudiana e, por último, analisaremos o percurso do conceito de homossexualidade ao longo de toda obra freudiana.

#### 3.1 ÉDIPO EM FREUD

O nosso intuito ao apresentar o conceito de complexo de Édipo em Freud é o de percorrer sua teoria, de forma que, ao atingirmos a elaboração final deste conceito, possamos compreender como se dá a estruturação da personalidade e da sexualidade.

A nossa proposta é percorrer o caminho que Laplanche e Pontalis (1992), Moreira (2004) e Souza (2006) propuseram para a compreensão desse conceito. Assim, exploraremos diversos textos de Freud, em momentos diferentes de sua produção teórica, de maneira que, tentaremos examinar os passos que Freud deu em relação ao conceito, até que possamos chegar em sua última definição em 1925.

Moreira (2004) destaca que é somente após a formulação do conceito de pulsão de morte e de sua articulação com o conceito de castração, que o complexo de Édipo ganha status de conceito fundador. A autora lembra também, que Freud dedica apenas um texto sobre o complexo de Édipo: “A Dissolução do Complexo de Édipo” em 1924.

### 3.1.1 Amor pela mãe e ódio pelo pai

Iniciaremos, então, nossa exposição, com a definição que Laplanche e Pontalis (1992) usam em seu verbete:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. (p. 81)

Essa forma positiva, da qual os autores nos falam, foi citada por Freud numa carta a Fliess em 1897, no qual ao falar de sua auto-análise descobre seus próprios sentimentos amorosos por sua mãe e hostis para com seu pai. De acordo com Laplanche e Pontalis (1992), essa descoberta já vinha sendo delineada pela análise de seus pacientes. É importante marcar que nesse momento Freud faz uma aproximação desses sentimentos, em relação aos progenitores, com o mito de Édipo, não sendo ainda utilizado o termo complexo.

Assim, Freud diz que verificou também no seu caso.

A paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como

nas crianças que se tornaram histéricas. (...) Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da platéia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1887/1996, p. 316)

Souza (2004) diz que essa primeira definição aparece também na “Interpretação dos Sonhos” em 1900 – Seção D, capítulo 5, no caso Dora<sup>7</sup> em 1905, em “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” em 1908, em “Romances Familiares” em 1909 e “Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos”, também em 1909.

É importante lembrar, conforme Laplanche e Pontalis (1992) acentuam, que essas primeiras pesquisas foram compostas tendo como modelo o menino.

### 3.1.2 Surge o complexo

Souza (2006) destaca que é em 1910 que Freud utiliza pela primeira vez o termo complexo de Édipo. Então, Freud define em “Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelos Homens” o complexo de Édipo da seguinte maneira, ao falar do que ocorre com o menino: “Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo.” (FREUD, 1910b/1996, p. 177)

Salientamos também que neste texto Freud está tratando de um acontecimento da vida de homens neuróticos – apaixonarem-se por mulheres compromissadas. Ele lembra que essa situação remete a impressões e desejos

---

<sup>7</sup> Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905)



da mais tenra infância do menino. Souza (2006, apud Mezan, 1998) destaca, porém, que a situação emocional do complexo de Édipo é vivida na puberdade, uma vez que, Freud ainda concebia a sexualidade infantil como sendo apenas auto-erótica.

Sobre esse ponto, Laplanche e Pontalis (1992) ajudam-nos esclarecendo que Freud concebia e escolhia objetal apenas na puberdade. “Nesta perspectiva, o complexo de Édipo, embora esboçado na infância, só surgiria em plena luz no momento da puberdade para ser rapidamente ultrapassado.” (p. 78).

Laplanche e Pontalis (1992) ressaltam que, também nesse caso do complexo, o modelo utilizado é o do menino. Freud, segundo eles, entendia que no caso da menina o complexo poderia ser transposto, sendo que a menina teria sentimentos amorosos pelo pai e hostis pela mãe.

### 3.1.3 Segundo modelo: estrutural

Em 1913, em Totem e Tabu, Freud fala do assassinato do pai primevo pela horda, como sendo o marco inaugural da humanidade. Como destaca Laplanche e Pontalis (1992) essa hipótese, do ponto de vista histórico, deve ser entendida como um mito que “traduz a exigência imposta a todo ser humano de ser um 'rebento de Édipo'” (p. 80).

Dessa forma, afirmam esses autores, o complexo de Édipo não se reduz somente a uma situação vivida pela criança com o casal parental e sim, a partir da proibição do incesto, que “barra o acesso à satisfação naturalmente procurada e que liga inseparavelmente o desejo a lei.” (p. 80). Dessa forma, o Édipo transcende a vivência pessoal.

Moreira (2004) ressalta que esse modelo de Édipo proposto por Freud tem suas bases nas pesquisas antropológicas que ele vinha desenvolvendo nessa época. A autora ressalta também que há uma aproximação entre neurose, infância e povos primitivos. O horror ao incesto é o que faz o ponto de contato entre eles.

Ao final do texto, Freud assim resume a sua descoberta:

Ao concluir, então, esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses, pelo menos até onde vai nosso conhecimento atual. Parece-me ser uma descoberta muito surpreendente que também os problemas da psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: – a relação do homem com o pai. (FREUD, 1913/1996, p. 158)

Moreira (2004) lembra-nos que, tanto na primeira formulação do Édipo, quanto nesta segunda, a questão da alteridade não está presente. O pai totêmico não é um pai que interroga o outro sobre sua responsabilidade, de maneira que, possa constituir uma alteridade.

A possibilidade da relação com alteridade nasce com a morte do pai totêmico, pois a partir desse momento os irmãos perguntaram uns aos outros sobre sua responsabilidade. A irmandade representa o primeiro indício da possibilidade de reconhecimento da alteridade. (MOREIRA, 2004, p. 223).

### 3.1.3 A questão da alteridade e o Édipo invertido

Souza (2006, apud Mezan, 1998) afirma que é com a introdução dos conceitos de narcisismo e de identificação que Freud dá mais um avanço na sua teorização sobre o complexo de Édipo.

Já Moreira (2004) diz que é em "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" de 1921 que Freud introduz o conceito de identificação diretamente relacionado ao complexo de Édipo.

A problematização da idéia de identificação convida, como conseqüência direta, à reflexão acerca da questão do Édipo. A identificação aparece, na trama edípica, ao lado do investimento libidinal ou catexia libidinal. O menino ama a mãe, ou seja, produz uma catexia de objeto em relação à mãe e uma identificação com o pai. No entanto, essa identificação com a figura paterna é ambivalente, pois, na pré-história do Édipo e na colocação do mito totêmico, essa identificação é representada por seus protótipos, que são a introjeção e a incorporação oral. (MOREIRA, 2004, p. 223)

No capítulo VII do texto freudiano citado acima, é da seguinte maneira que Freud faz a correlação entre Édipo e identificação:

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. (FREUD, 1921/1996, p. 115)

A partir daí, Freud descreve nesse texto como se dá o complexo de Édipo. Diz que o menino apresentará uma catexia de objeto sexual direcionada para a mãe e uma identificação com o pai, sendo este último tomado como modelo; Freud diz que ambos os laços mantêm-se lado a lado, sem se influenciarem.

Porém, em busca de uma unificação da vida mental, ambos reúnem-se e formam o complexo de Édipo normal. Há também a possibilidade de que esse

complexo de Édipo se inverta e assim, o pai seja tomado como objeto sexual para o menino.

Ainda nesse texto, Freud diz que o complexo de Édipo na menina é só o contrário do menino, isto é, tomar a mãe como objeto de identificação e o pai como objeto sexual.

Quanto a este Édipo invertido, é interessante o que Moreira (2004) ressalta. A autora afirma que, com essa definição, Freud abre as portas para que o que se entende por ser mulher tenha uma determinação subjetiva e não dependa exclusivamente do biológico.

### 3.1.3 A forma completa do Édipo

Depois de apresentar as duas teorizações sobre o Édipo, o normal e o invertido, Freud, segundo Moreira (2004) apercebe-se diante de sua experiência clínica que ambas as formas se apresentam simultaneamente. Dessa forma, fala de um complexo de Édipo completo, no qual essas duas formas apareceriam simultaneamente no sujeito.

Em “O Ego e o Id”, texto de 1923, Freud descreve o complexo de Édipo de um menino de uma maneira simplificada, como ele próprio e diz. Num primeiro momento, o menino desenvolve uma catexia objetual pela mãe e identifica-se com o pai. Essas duas formas de relacionamento com as figuras parentais caminham lado a lado, ou até que o desejo sexual do menino pela mãe se torna mais forte.

O pai, nesse caso, é percebido como um obstáculo para atingir esse objetivo, isto é, possuir a mãe. Dessa forma, o menino deseja se livrar do pai para que possa ocupar o lugar dele ao lado de sua mãe.

Desse ponto em diante, a relação do menino com o pai é ambivalente. "Uma atitude ambivalente para com o pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetivo com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples no menino." (FREUD, 1923/1996, p. 45).

Seguindo adiante no texto de Freud, ele fala que, na dissolução do complexo de Édipo, a catexia dirigida à mãe deverá ser abandonada e em seu lugar poderá acontecer que um menino, ou se identifique com a mãe, ou o menino intensifique a sua identificação com pai.

Dessa maneira, a dissolução do complexo de Édipo consolidaria a masculinidade no caráter de um menino. De maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menina pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação de uma identificação pela primeira vez) – o resultado que fixará o caráter feminino da criança. (p. 45).

Ressalta ainda que, no desfecho do Édipo, sempre haverá uma identificação, ou com pai, ou com a mãe.

Porém, acrescenta Freud, que o complexo de Édipo completo apresenta as duas vertentes: a positiva e a negativa, concomitantemente. A positiva é que apresentamos acima, isto é, identificar-se com o pai. Já a negativa, é aquela no qual o menino também nutre por seu pai uma posição semelhante à da menina. Afirma ainda, que essa atitude se deve a bissexualidade.

Nas próprias palavras de Freud:

A experiência analítica demonstra então que, num certo número de casos, um ou outro dos constituintes desaparece, exceto por traços mal distinguíveis; o resultado, então, é uma série com o complexo de Édipo positivo normal numa extremidade e o negativo invertido na outra, enquanto que os seus membros intermediários exibem a forma completa, com um ou outro dos seus dois componentes preponderando. (FREUD, 1923/1996, p. 46)

Assim, continua Freud, haverá uma identificação tanto com pai, quando com a mãe; a primeira identificação pertencendo ao Édipo normal e a segunda, ao Édipo e invertido.

O superego, afirma Moreira (2004), é um dos resultados desta trama edípica. A autora ressalta também que o superego resulta de uma identificação com a lei, que tem o pai como representante. E mesmo quando ocorre o processo de identificação com a mãe no final do Édipo – como o caso que ocorre normalmente na menina, ou no Édipo invertido – pode-se afirmar que houve a constituição de uma instância moral.

### 3.1.4 A Questão da Castração

Passaremos agora a última formulação de Freud sobre o complexo de Édipo. O ponto de destaque desta formulação é o conceito de castração, sendo este o núcleo central do complexo de Édipo.

Moreira (2004) ressalta que em Freud essa formulação aparece nos seguintes textos: "A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade" de 1923, "A Dissolução do Complexo de Édipo" de 1924, "Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos" de 1925, "Sexualidade Feminina" de 1931 e "Feminilidade (Conferência XXXIII)" de 1933.

Nos próprios termos da autora, assim são definidas essas contribuições:

Nos três primeiros, encontramos uma reflexão sobre as conseqüências da diferença entre o Édipo na menina e no menino, a consideração da angústia de castração como ponto nodal de sua resolução e a colocação da idéia do falo como o objeto do desejo. E nos últimos, presenciamos uma maior preocupação com a constituição da feminilidade a partir das diferenças e peculiaridades do conflito edípico na menina. (MOREIRA, 2004, p. 225)

Em A Organização Genital Infantil (1923) Freud afirma que para ambos os sexos, na sexualidade infantil, só existe em consideração um único órgão genital, que é o masculino. "O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo." (p. 158).

Ele fala só ser possível descrever o que acontece no sexo masculino, pois ainda não conhece o que se passa no feminino. Freud prossegue dizendo, que a observação feita pelo menino da falta de pênis nas meninas, é vista como resultado da castração e a isto dá o nome de complexo de castração.

O falo é o único significante da sexualidade e, por isso, a teorização psicanalítica considera apenas a existência da masculinidade, sendo a feminilidade apresentada como um enigma que aparece na puberdade. Diante dessa ausência de significante, a menina vivenciará um destino. (MOREIRA, 2004, p. 225)

Freud prossegue dizendo que a observação do menino da falta de pênis nas meninas é vista como resultado de uma castração que a menina sofreu.

Em A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), Freud afirma que a dissolução do complexo no menino de Édipo se dá pela ameaça de castração.

Já em relação ao Édipo da menina, Freud o considera mais simples quando comparado com o do menino. Em relação à castração, a menina a aceita como um fato consumado e por isso não a teme. Mas, diferentemente do que ocorre no menino, nela aparece um desejo de possuir um pênis e esse desejo vai deslizando até atingir o de ter um bebê. Ela identifica-se com a mãe e assume uma atitude feminina para com o pai. Freud, assim comenta sobre o Édipo na menina:

Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. (FREUD, 1924/1996, p. 198)

No texto *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômicas entre os Sexos* (1925), temos, então, um aprofundamento da questão do complexo de Édipo na menina por Freud. Ele afirma que, tanto o menino, quanto a menina, tem como primeiro objeto a mãe. Mas, a menina diferentemente do menino, abandona esse objeto e toma o pai como objeto sexual. E prossegue Freud, dizendo que as meninas ao observarem a presença do pênis em uma criança do sexo masculino, imediatamente, associam esse órgão com o seu, isto é, com o clitóris. As meninas constataam que o seu órgão é bem menor que o dos meninos e surge aí, o que Freud denominou de inveja do pênis.

Se num primeiro momento, o menino ao ver o órgão genital feminino não demonstra interesse – este só aparecendo quando ele se dá conta da ameaça de castração –; com a menina, o interesse ocorre de imediato: ela não o tem e quer tê-lo.

Uma das conseqüências dessa inveja do pênis, afirma Freud, é o desenvolvimento de certo sentimento de inferioridade. Outra conseqüência, e sem dúvida nenhuma, extremamente importante, é aquilo que Freud chama de "afrouxamento da relação afetuosa da menina com seu objeto materno" (p. 283). Sendo esta entendida como uma espécie de "desinteresse" da menina por sua mãe.

Assim, prossegue Freud, a menina desloca seu desejo por um pênis para o desejo por ter um bebê. Dessa maneira, toma o seu pai como objeto de amor e sua mãe, como objeto de ciúme.

O complexo de Édipo na menina é então, para Freud, nesse mesmo texto, uma formação secundária, isto é, ele é precedido pelo complexo de castração. Isso contrasta fundamentalmente com Édipo do menino – que se encerra diante do complexo de castração. Em outras palavras: o complexo de Édipo na menina se inicia com a castração; o do menino, termina nela.

Nos meninos, o complexo de Édipo é despedaçado pelo choque com a castração e, em casos normais, diz Freud, o superego torna-se seu herdeiro. Já nas meninas, ou ele (o complexo de Édipo) é lentamente abandonado, ou seus efeitos podem persistir na vida mental normal das mulheres por um longo tempo.



Finalmente, encerramos nossa breve exposição sobre o complexo de Édipo na obra freudiana e passaremos a seguir para a discussão sobre a noção de perversão na obra de Freud.

### 3.2 A TEORIA FREUDIANA DAS PERVERSÕES

Nos primeiros escritos de Freud, a noção de perversão ainda estava vinculada à psiquiatria de sua época. Esta considerava, como afirma Frota Neto (2004), a perversão como pertencente ao campo do defeito moral e da sexualidade anormal.

Mas, cinco anos após a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, em 1905, nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, ocorre a primeira ruptura, em relação a esse termo, com o pensamento médico da época. Como afirma Dor (1993): “Freud institui uma distinção entre as inversões e as perversões propriamente ditas.” (p. 33).

A grande ruptura que Freud faz não é dada pela distinção entre inversões e perversões, uma vez que, segundo Dor (1993) ela já era usada na época. Mas, sim, em relacionar a pulsão<sup>8</sup> e suas possibilidades de desvios com a inversão e a perversão.

Os desvios possíveis da pulsão são dados em relação ao fim a que ela destina e, em segundo lugar, ao objeto que ela busca atingir. Quanto ao desvio em relação aos fins, corresponderia às perversões, e quanto ao desvio em relação aos objetos, às inversões.

---

<sup>8</sup> Laplanche e Pontalis (1992) definem a pulsão como um processo dinâmico de uma força que faz com que o sujeito se dirija a um determinado objetivo. Ela tem sua fonte numa excitação do corpo, o objetivo ou meta dela é suprimir essa excitação e o objeto é o lugar onde a pulsão pode atingir essa meta.

As inversões, de acordo com Freud, estão relacionadas aos homens e às mulheres que tem por objeto sexual pessoas do mesmo sexo – o objeto de sua pulsão se dirige às pessoas do mesmo sexo –; as perversões, por outro lado,

são ou (a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final. (FREUD, 1905b/1996, p. 142).

Consideramos interessante ressaltar que, ainda neste mesmo texto, Freud fala da sexualidade perversa polimorfa da criança. Esta significando as possibilidades de práticas sexuais que uma criança tem que, se praticadas na vida adulta, poderiam ser consideradas como perversão.

Em 1915 no artigo intitulado “O Instinto<sup>9</sup> e suas vicissitudes” Freud, ao definir as vicissitudes da pulsão, cita dois caminhos que ela pode seguir: a reversão a seu oposto (meta) e o retorno em direção ao próprio eu (objeto). Nos exemplos que ele nos dá, fica claro que esses dois destinos para a pulsão se relacionam com o processo perverso. Dessa forma, Dor (1993) afirma que Freud faz aproximar aquilo que ele havia separado em 1905: inversões e perversões.

“A partir dessa generalização, começa então a se desenhar para Freud a perspectiva de uma estrutura perversa que falta definir para além dos parâmetros estereotipados até aí indicados por certos modos de realizações sexuais.” (DOR, 1993, p. 34)

E finalmente, Freud, no texto “A Organização Genital Infantil” de 1923, introduz a noção de mãe fálica, que é a crença da presença de pênis na mãe, diante da constatação de sua ausência pela criança. Aos poucos a criança se vê diante da castração: não há pênis lá, ele foi retirado. Dor (1993) diz que Freud fala de uma saída para esta angústia: a de o sujeito aceitar a castração, contato que a transgrida continuamente – esta é saída no caso das perversões.

---

<sup>9</sup> É importante lembrar que há aí uma incorreção: não é instinto e sim, pulsão. Manteremos de acordo com a tradução que estamos utilizando, mas anotaremos a incorreção toda vez que ela aparecer.

Para contornar essa realidade, Dor (1993) afirma que Freud proporá dois caminhos: a regressão, no caso da homossexualidade e a denegação, no caso do fetichismo.

Assim, finalizamos as observações sobre a questão da perversão em Freud e iremos agora discutir a noção de homossexualidade em sua teoria.

### 3.3 A HOMOSSEXUALIDADE NA TEORIA FREUDIANA

Para a exposição a seguir, utilizaremos como base o capítulo V de Costa (1995). Ele propõe que a teoria freudiana apresenta cinco tentativas de sistematização da noção de homossexualidade. Passemos a elas então.

Costa (1995) fala que antes da primeira sistematização, Freud apresentou algumas concepções iniciais sobre a homossexualidade e elas estavam intimamente relacionadas com os elementos herdados da psiquiatria do século XIX.

As características dessa noção de homossexualidade enumeradas por Costa são: o homossexualismo associado ao feminino, repressão da homossexualidade dada pela dificuldade que os homens tinham em falar dela, o erotismo como um estágio posterior na evolução sexual, a sedução homossexual como uma causa traumática e devido a isso o surgimento de sintomas em períodos anteriores, a aproximação da homossexualidade com a perversão e, em último lugar, a admissão de uma identidade ou personalidade homossexual.

É importante ressaltar que, o caráter invertido era tido por Freud como sendo de ordem constitucional. Portanto, Freud corroborava o que pensavam os

médicos de sua época e assim, buscava nos fatores constitucionais, uma explicação para a homossexualidade.

Nos próprios termos de Freud, temos uma referência, no texto em que ele trata dos sonhos, sobre essas “moções homossexuais”:

Podemos asseverar em relação a muitos sonhos, se forem cuidadosamente interpretados, que eles são bissexuais, visto que, incontestavelmente, admitem uma “superinterpretação” na qual se realizam os impulsos homossexuais do sonhador – impulsos, vale dizer, que são contrários a suas atividades sexuais normais. (FREUD, 1900/1996, p. 430)

### 3.3.1 Perversão

A primeira tentativa de Freud de sistematização da noção de homossexualidade, segundo Costa (1995), já aparece no caso Dora<sup>10</sup> de 1905. Nesse texto, Freud apresenta a homossexualidade como perversão<sup>11</sup>, uma das faces da perversidade polimorfa da criança. A perversão é aí entendida como o inverso da neurose, de forma que, aquilo que o neurótico fantasia, o perverso faz. Além disso, ela é entendida como sendo uma fixação numa zona erógena de uma fase precoce do desenvolvimento sexual.

Em circunstâncias favoráveis, a corrente homossexual amiúde seca por completo, mas, quando não se é feliz no amor por um homem, ela torna a ser despertada pela libido nos anos posteriores e é aumentada em maior ou menor intensidade. Se nas pessoas sadias isso pode ser confirmado sem esforço e se levarmos em conta nossas observações

---

<sup>10</sup> Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905)

<sup>11</sup> O termo perverso utilizado por Freud, nos fala Costa (1995), está relacionado ao fato de que essas práticas sexuais não têm função de reprodução biológica.

anteriores sobre o maior desenvolvimento, nos neuróticos, dos germes normais da perversão, devemos também esperar, na constituição destes, uma predisposição homossexual mais forte. (FREUD, 1905a/1996, p. 64)

Outro estudo importante são os "Três Ensaios de Teoria Sexual" também de 1905. Costa (1995) afirma que Freud faz uma tentativa de clarear a relação entre perversão e a homossexualidade. A homossexualidade é entendida aí como sendo um desvio em relação ao objeto. Essas pessoas, Freud as denominava de invertidos. Nos termos de Costa (1995): “o que definia o invertido é a possibilidade que ele tinha de atrair-se por um outro homem, fosse viril ou não, capaz ou não, de relacionar-se com mulheres e cumprir os objetivos da reprodução da espécie.” (p. 196).

Por isso causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são “de sexo contrário”, ou melhor, “invertidas”, e chama-se o fato de inversão. (FREUD, 1905b/1996, p. 129)

Ainda nos Três Ensaios, Freud fala que a criança possui uma disposição perversa polimorfa, de caráter hereditário que é suprimida pela cultura e que em condições anormais, essas perversões podem se desenvolver.

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção. Nesse aspecto, a criança não se comporta de maneira diversa da mulher inculta média, em quem se conserva a mesma disposição perversa polimorfa. Em condições usuais, ela pode permanecer sexualmente normal, mas, guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua atividade sexual. Essa mesma disposição polimorfa, e portanto infantil, é também explorada pelas prostitutas no exercício de sua profissão, e no imenso número de mulheres prostituídas ou em quem se deve supor uma aptidão para a prostituição, embora tenham escapado ao exercício dela, é impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário. (FREUD, 1905b/1996, p. 180)

### 3.3.2 Bissexualidade

Dando continuidade ao caminho proposto por Costa (1995), passaremos agora para uma nova tentativa de formulação da homossexualidade feita por Freud.

Em “Fantasias Históricas e sua relação com a bissexualidade” de 1908, Freud afirma, segundo Costa (1995) que as fantasias sexuais que estão relacionadas com o sintoma possuem uma característica masculina e outra feminina. Afirma, dessa maneira, o caráter bissexual da fantasia formadora do sintoma, isto é, o caráter bissexual do sintoma neurótico.

Há muitos sintomas onde a exposição de uma fantasia sexual (ou de várias fantasias, uma das quais, a mais significativa e primitiva, é de natureza sexual) não é suficiente para efetuar a resolução dos sintomas. Para resolver isso é necessário ter duas fantasias sexuais, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino. (FREUD, 1908a/1996, p. 153)

A compreensão da bissexualidade saía da esfera corpórea, como era vista anteriormente pela medicina, e passava para o campo psíquico. Freud em 1909, no texto “Cinco Lições de Psicanálise”, afirma que é porque nossa vida psíquica, desde o princípio é bissexual, que poderíamos nos tornar homossexuais (como escolha de objeto sexual).

Outro ponto importante que Freud destaca nesse texto, é relação causal entre a intensa ligação do menino com sua mãe e a homossexualidade.

Quando nos lembramos da probabilidade histórica de Leonardo ter-se comportado em sua vida como uma pessoa emocionalmente homossexual, ocorre-nos perguntar se esta fantasia não indicaria a existência de uma relação causal entre as relações infantis de Leonardo com a mãe e sua posterior homossexualidade manifesta, ainda que ideal [sublimada]. Não nos atreveríamos a inferir qualquer conexão dessa

natureza da reminiscência confusa de Leonardo se não soubéssemos, pelos estudos psicanalíticos de pacientes homossexuais, que tal ligação existe de fato e é, na verdade, condição intrínseca e necessária. (FREUD, 1909/1996, p. 104)

Em “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” de 1908, Freud fala que a homossexualidade é a resposta diante da angústia de castração, isto é, diante da constatação da ausência de pênis na mulher. O que o homossexual buscaria seria, então, a mulher com pênis. Tanto o texto do Pequeno Hans de 1909, como o texto sobre Leonardo da Vinci em 1910, são permeados por essa concepção freudiana de homossexualidade.

Se um indivíduo na infância ‘fixa’ essa idéia da mulher com um pênis, tornar-se-á, resistindo a todas as influências dos anos posteriores, incapaz de prescindir de um pênis no seu objeto sexual, e, embora em outros aspectos tenha uma vida sexual normal, está fadado a tornar-se um homossexual, indo procurar seu objeto sexual entre os homens que, devido a características físicas e mentais, lembram a mulher. Quando, mais tarde, vem a conhecer mulheres, elas já não podem mais ser para ele objetos sexuais porque carecem da atração sexual básica; na verdade, em conexão com uma outra impressão de sua vida infantil, elas podem causar-lhe repugnância. (FREUD, 1908c/1996, p. 196)

A hipótese de perversão e inversão vai lentamente caindo por terra no decorrer de sua obra. Freud passa a falar quase que exclusivamente do medo do menino diante da castração, de forma que, em 1908, no artigo “Moral Sexual Civilizada Doença Nervosa Moderna”, Freud já fala de uma separação entre homossexualidade e perversão. Mas, a separação final, só se dá no relato do Pequeno Hans.

As formas mais acentuadas de perversão e de homossexualidade, especialmente quando exclusivas, sem dúvida tornam o indivíduo socialmente inútil e infeliz, sendo necessário reconhecer que as exigências culturais do segundo estágio constituem uma fonte de sofrimentos para uma certa parcela da humanidade. (FREUD, 1908b/1996, p. 176)

No texto sobre Leonardo da Vinci, Freud oscila entre a hipótese de que Leonardo era um homossexual com sintomas neuróticos e a de que ele seria um neurótico com sintomas homossexuais.

Contudo, os pontos que podemos apreender de mais importante desse texto (sobre Leonardo da Vinci), são os seguintes: uma aproximação da amamentação com a fantasia da felação, a manutenção da fantasia da mãe com pênis e a intensa relação erótica do menino com sua mãe. A grande conquista freudiana, porém, é afastar-se definitivamente das concepções de homossexualidade da medicina de sua época.

Um novo avanço acontece quando Freud introduz as noções de identificação e identificação pela via do narcisismo. Assim, Leonardo podia ser vários: a mãe, ele enquanto bebê, os rapazes, etc. Acentuava assim, que o sujeito do desejo do homossexual era vários e seus objetos, da mesma maneira, também os eram vários.

Em todos os nossos casos de homossexuais masculinos, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente sua mãe, durante o primeiro período de sua infância, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada ou encorajada por demasiada ternura por parte da própria mãe, e reforçada posteriormente pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante sua infância. (...) Depois desse estágio preliminar, estabelece-se uma transformação cujo mecanismo conhecemos mas cujas forças determinantes ainda não compreendemos. O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual. (FREUD, 1910a/1996, p. 105-106)

A identificação poderia, portanto, ser bissexual. Se o menino tendesse mais para o lado feminino, identificar-se-ia com a mãe e tornar-se-ia homossexual; se, ao contrário, tendesse para o lado masculino, sua identificação seria com o pai, e seria, portanto, heterossexual.



### 3.3.3 Passividade

Na análise do caso do presidente Schreber<sup>12</sup> de 1911, Freud fala sobre libido homossexual latente e moção sexual latente.

A homossexualidade passa a ser uma espécie de subsolo psíquico de toda uma série de conflitos, alguns dos quais graves, como a paranóia persecutória. Esse aspecto é importante, pois vai ser absorvido e integrado à dinâmica da homossexualidade como passividade masoquista ou atividade sádica. (COSTA, 1995, p. 224).

Nas próprias palavras de Freud, sobre o desencadeamento da paranóia em Schreber, temos:

A causa ativadora de sua doença, então, foi uma manifestação de libido homossexual; o objeto desta libido foi provavelmente, desde o início, o médico, Flechsig, e suas lutas contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas. (FREUD, 1911/1996, p. 52).

No caso do Homem dos Lobos<sup>13</sup> de 1918, Freud retoma a ligação da homossexualidade com a passividade e a feminilidade. A origem dos sintomas obsessivos se situava na ambivalência infantil do menino para com o pai. O processo completo se dava na associação entre masoquismo, homossexualidade, passividade e sintoma neurótico.

A partir da época do sonho, em seu inconsciente ele era homossexual e, em sua neurose, estava no nível do canibalismo; ao passo que a atitude anterior, masoquista, continuou a ser a dominante. Todas as três correntes tinham propósitos sexuais passivos; era o mesmo objeto e o

---

<sup>12</sup> Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides) (1911)

<sup>13</sup> História de uma Neurose Infantil publicado em 1918, mas escrito em 1914.

mesmo impulso sexual, mas esse impulso tornara-se dividido ao longo dos três diferentes níveis. (FREUD, 1918/1996, p. 74)

A partir daí, Freud passa a situar que, no inconsciente, a homossexualidade, a feminilidade e passividade se tratavam do mesmo fenômeno.

### 3.3.4 Hostilidade

Neste outro momento da conceituação da homossexualidade na teoria freudiana, este termo aparece como sendo uma inibição da agressividade, causada pelo fato de ser impossibilitada de ser escoada, ou pela identificação como o Ideal de Eu.

Esta outra forma de sistematizar a homossexualidade aparece em textos como “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” de 1921, em “Totem e Tabu” de 1913 e em “O Ego e o Id” de 1923.

Nos termos de Freud em 1921/1996, ao se referir sobre os laços grupais: “Parece certo que o amor homossexual é muito mais compatível com os laços grupais, mesmo quando toma o aspecto de impulsos sexuais desinibidos.” (p. 152).

Já em 1913/1996, sobre a relação dos irmãos após o assassinato do pai:

Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos – talvez somente depois de terem passado por muitas crises perigosas -, do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. Dessa maneira, salvaram a organização que os tornara fortes – e que pode ter-se baseado em

sentimentos e atos homossexuais, originados talvez durante o período da expulsão da horda. (p. 147)

E em 1923/1996 ao tratar das questões das aquisições sociais necessárias para a convivência em sociedade:

O sexo masculino parece ter tomado a dianteira em todas essas aquisições morais, que parecem então ter sido transmitidas às mulheres através do cruzamento hereditário. Mesmo hoje os sentimentos sociais surgem no indivíduo como uma superestrutura construída sobre impulsos de rivalidade ciumenta contra seus irmãos e irmãs. Visto que a hostilidade não pode ser satisfeita, desenvolve-se uma identificação com o rival anterior. O estudo de casos brandos de homossexualidade confirma a suspeita de que também neste caso a identificação constitui substituto de uma escolha objetal afetuosa que ocupou o lugar da atitude hostil, agressiva. (p. 50)

Seja como for, são nesses textos que Freud desvincula as noções de homossexualidade, passividade e feminilidade. Passa agora a relacionar a homossexualidade com atividade, mas atividade agressiva e não mais, atividade sexual.

### 3.3.4 Masoquismo

No artigo “Uma criança é espancada” de 1919, Freud afirma que a fantasia de apanhar da criança está relacionada com o masoquismo inicial e este, vinculado ao feminino e à passividade.

Ao tratar das diferenças e similaridades entre a fantasia de espancamento no menino e na menina, Freud assim afirma:

No caso da menina, a fantasia masoquista inconsciente parte da atitude edipiana normal; no caso do menino, parte da atitude invertida, na qual o pai é tomado como objeto de amor. (...) No caso da menina, o que era originalmente uma situação masoquista (passiva) transforma-se em situação sádica, por meio de repressão, e a sua qualidade sexual é quase apagada. No caso do menino, a situação permanece masoquista (...). O menino burla o seu homossexualismo ao reprimir e remodelar a fantasia inconsciente – e o que é notável acerca da sua posterior fantasia consciente é que esta tem como conteúdo uma atitude feminina sem uma escolha homossexual de objeto. Pelo mesmo processo, por outro lado, a menina escapa inteiramente às exigências do lado erótico da sua vida. Em fantasia ela transforma-se em homem, sem se tornar ativa à maneira masculina, e nada mais é do que o espectador de um acontecimento que toma o lugar de um ato sexual. (FREUD, 1919/1996, p. 213-214)

Assim, vincula nesta última sistematização a atividade passiva homossexual ao masoquismo.

Portanto, ao finalizar esta exposição consideramos importante ressaltar, de acordo com Barbero (2004) que embora Freud tenha avançado sobremaneira no campo da sexualidade, ele, de certa forma, manteve-se preso à concepção de normalidade sexual de sua época. Isto é, ligada à heterossexualidade. Ele se perguntou, ao longo de toda sua teoria, o que levaria um sujeito a fazer uma escolha diferente da “norma”.

Seguindo ainda o pensamento de Barbero (2004), a autora afirma que um grande avanço de Freud em relação à perversão se deu com o advento do mecanismo de rejeição, isto é, “ligada a uma angústia de castração insuportável frente à falta materna (de pênis) que produziria uma forte clivagem no eu e uma rejeição parcial desta percepção.” (p. 107).

Mais adiante em seu texto, Barbero (2004) afirma acreditar que Freud tenha tratado de diversas questões sobre a sexualidade humana e que, muitas vezes, não pode chegar a conclusões definitivas. Afirma também que ele não forçou conclusões e também não tratou a homossexualidade como uma entidade única, como uma perversão e nem mesmo como uma patologia.

Ressalta também que muitos dos seus seguidores, se fixaram em uma ou outra dessas sistematizações, tentando dessa maneira, dar conta do mecanismo da homossexualidade com somente uma única explicação.

Lacan, um dos mais importantes leitores de Freud, possui uma abordagem da sexualidade e, especialmente, da homossexualidade, que consideramos extremamente importante para darmos continuidade a nossa discussão.

Por conseguinte, no próximo capítulo iremos discutir as mesmas noções de Édipo, perversão e homossexualidade na obra lacaniana.

## 4. A CONTRIBUIÇÃO DE LACAN

No capítulo que iniciamos agora, pretendemos fazer uma sucinta exposição sobre alguns pontos da teoria de Lacan que poderão nos ajudar a discutir a questão da homossexualidade.

Segundo Costa (1995) Lacan “foi o único autor que, depois de Freud, inovou alguma coisa na compreensão do tema [da homossexualidade].” (p. 270).

Para Paoletti (2007, apud Ogilvie, 1991) Lacan iniciou seus estudos se propondo questões sobre psiquiatria e filosofia. Por conseguinte, encontrou na psicanálise freudiana um campo fértil para seus estudos.

Ainda de acordo com a autora, neste mesmo texto, é somente em 1938 que Lacan faz sua primeira contribuição à teoria freudiana, ao tratar do estágio do espelho, em um artigo sobre a família<sup>14</sup>.

Para Pires et al. (2004), num artigo sobre a perversão, eles afirmam sobre a teoria lacaniana que:

A partir dos anos 50, Lacan adota uma posição crítica em relação à leitura evolutiva de Freud e a noção de desenvolvimento em psicanálise. Rechaça a idéia de relação "madura" e o objeto, ou seja, a relação genital, que ilustra o desconhecimento da importância essencial do desejo. Para ele a síntese final da sexualidade não existe nem é possível, pois o sujeito está irremediavelmente dividido e a metonímia do desejo não pode ser detida. (p. 45).

Logo, percorremos os mesmos itens propostos no capítulo anterior sobre a psicanálise freudiana: num primeiro momento, faremos uma apresentação da conceituação lacaniana de Édipo, fundamental para que possamos discutir o segundo passo, que é a apreciação sobre a noção de perversão em Lacan. A

---

<sup>14</sup> LACAN, Jacques. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

seguir, tendo já essas duas conceitualizações descritas, iremos examinar as idéias propostas por Lacan sobre a homossexualidade.

## 4.1 ÉDIPO LACANIANO

Para situarmos a contribuição lacaniana do Édipo, será necessário que percorramos inicialmente algumas importantes concepções acerca de sua obra. Dessa forma, seguiremos o caminho proposto por Dor (1989) acerca da “encruzilhada estrutural da subjetividade”. Assim, apresentaremos a definição de falo, depois, a de estágio de espelho, em seguida, os três tempos do Édipo e por último, a metáfora paterna.

O Édipo em Lacan é, conforme define Safatle (2001, p. 1), a

estrutura de passagem da natureza à cultura por meio da introdução do sujeito na ordem simbólica. É no interior da família que o sujeito moderno descobre a existência de uma Lei simbólica baseada em interditos (como o incesto) e lugares fixos de parentesco.

Quanto aos conceitos de sua obra, conforme forem aparecendo na exposição, faremos uma breve explanação sobre eles, conforme se faça necessário para a compreensão do que estamos apresentando.

### 4.1.1 O falo de Lacan

Segundo Dor (1989) a referência do falo na obra lacaniana se relaciona com o pai, é a função que faz mediação na relação da criança com a mãe. Afirma que esta referência fálica está presente em toda obra freudiana e, na maioria das vezes, implícita.

Lacan (1956/2002) assim se refere ao falo:

Porque o falo, se posso me exprimir assim, é vadio. Ele está alhures. Todo o mundo sabe onde a teoria analítica o coloca – é o pai que é suposto ser seu portador. É em torno dele que se instaura o temor da perda do falo na criança, a reivindicação, a privação, ou o tédio, a nostalgia do falo na mãe. (p. 358).

Ainda nesse texto, diz que a prevalência do falo na vida psíquica nunca foi modificada por Freud. Já Dor (1989) acrescenta que o falo está sempre referido a uma função simbólica em sua obra: mãe fálica, estádio fálico, por exemplo. Lacan assim define o falo simbólico em 1957:

não se trata em absoluto de um falo real na medida em que, como real, ele exista ou não exista, trata-se de um falo simbólico, na medida em que é de sua natureza apresentar-se na troca como ausência, ausência funcionando como tal. (LACAN, 1957/1995, p. 154).

Outra importante vertente da noção de falo é o seu aspecto imaginário. Logo, Lacan ao tratar do falo imaginário diz que é a partir da ordem simbólica que entra em jogo a primeira relação imaginária. Retomando a teoria freudiana, diz que a mulher se relaciona com algo que lhe falta, o falo. Mas esse falo não é fisiológico e sim, da ordem imaginária. É o falo como significante. Assim: “É por razões inscritas na ordem simbólica, transcendendo o desenvolvimento individual, que o fato de ter ou não o falo imaginário e simbolizado assume a importância econômica que tem no nível do Édipo.” (LACAN, 1957/1995, p. 195)

E para finalizar, Dor (1989) acrescenta que



É no terreno das referências freudianas que Lacan sistematizou a problemática fálica como fundamento da teoria analítica. Precisamente, com Lacan, o falo será instituído como significante primordial do desejo na triangulação edipiana. (p. 76)

#### 4.1.2 O estágio do espelho

Segundo Dor (1989), o estágio do espelho é, para Lacan, o prenúncio do complexo de Édipo, “uma relação de alienação específica com a mãe” (p. 78). É quando a criança conquista a imagem de seu próprio corpo, alienada na imagem de um outro. Antes do estágio do espelho, o corpo é vivido pela criança como despedaçado.

Nos próprios termos de Lacan (1998, p. 100):

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.

Há três momentos no estágio do espelho, afirma Dor (1989): no primeiro, a criança percebe a imagem do seu corpo, mas essa imagem é considerada como sendo um outro real. Já no segundo momento, percebe que é uma imagem, mas a imagem de um outro. É só no último estágio, que a criança percebe que essa imagem é a dela.

O estágio do espelho constitui, portanto, a pré-formação do eu, mas um eu alienado no imaginário desde a sua formação.

Nas palavras de Lacan: “O estágio do espelho, eu o tenho frisado, não é simplesmente um momento do desenvolvimento. Tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* do eu.” (LACAN, 1954/1986, p. 91).

Um pouco mais adiante, neste mesmo texto, Lacan afirma que

O processo de maturação fisiológica permite ao sujeito, num dado momento da sua história, integrar-se efetivamente suas funções motoras, e aceder a um domínio real de seu corpo. Só que, é antes desse momento, embora de maneira correlativa, que o sujeito toma consciência do seu corpo como totalidade. É sobre isso que insisto na minha teoria do estágio do espelho – a só vista da forma total do corpo humano dá ao seu sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real. Essa formação é destacada do processo mesmo da maturação e não se confunde com ele. O sujeito antecipa-se ao acabamento do domínio psicológico, e essa antecipação dará seu estilo a todo exercício posterior do domínio motor efetivo. (LACAN, 1954/1986, p. 96).

Então, encerramos nossa pequena apresentação do estágio do espelho e passaremos à discussão do primeiro tempo do Édipo.

### 4.1.3 O primeiro tempo do Édipo

Para tratar desse primeiro momento do Édipo, faremos um resumo do que Dor (1989) nos apresenta.

Ao sair da última fase do estágio do espelho, a criança, que já esboça um sujeito, está em uma identificação fusional com a mãe. É assim que ela entra no primeiro momento do Édipo.

A criança junto à mãe mantém uma relação de identificar-se com o objeto de seu desejo. A criança procura se fazer de objeto, objeto aquele que ela supõe faltar a sua mãe. Esse objeto é justamente o falo. Ela quer constituir-se como o falo materno; ela quer ser o falo materno. Logo, seu desejo permanece assujeitado, de forma radical, ao desejo da mãe.

Nas palavras de Lacan (1958/1999): “No primeiro tempo e na primeira etapa, portanto, trata-se disto: o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe.” (p. 198). Um pouco mais adiante, ele afirma que a relação da criança não é com a mãe, mas com o desejo dela. “É um desejo de desejo”. (p. 205).

A relação da criança com o falo, nesse tempo, é da ordem do ser e não ser. Não há nenhuma mediação na relação de identificação fálica com a mãe. Não há, portanto, um terceiro, e por isso, é considerada com uma relação fusional.

É por conta dessa oscilação entre o ser e o não ser o falo que a criança permite a entrada de um terceiro nessa relação de identificação fálica: o pai. É com a entrada desse terceiro elemento que se inicia o segundo momento do Édipo lacaniano.

#### 4.1.4 O segundo tempo do Édipo

É neste momento da travessia edípica que se dá a entrada do pai. “No plano imaginário, o pai intervém como privador da mãe” (Lacan, 1958/1999, p. 198).

O pai privador é aquele que priva a mãe do objeto. Que objeto? O objeto fálico de seu desejo. Já do ponto de vista da criança, o pai é vivenciado como um

interditor, aquele que interdita a criança de ser o falo da mãe; isto dado através da frustração.

Portanto, do lado da mãe, a intrusão do pai é vivida como uma privação<sup>15</sup> e do lado da criança, como frustração<sup>16</sup>.

Nessa relação da mãe com a criança, o pai entra como sendo o objeto fálico da mãe. Assim, a criança rivaliza com ele, mas é uma rivalidade imaginária. O que essa rivalidade possibilita à criança é o encontro com a lei do pai.

Dessa forma, a criança é capaz de perceber a estrutura fundamental do desejo que é o fato do desejo de cada um estar submetido à lei do desejo do outro. Ela se dá conta que o desejo da mãe está submetido à lei do desejo do pai e assim, ela percebe também que seu próprio desejo está submetido a um objeto que o outro é suposto ter ou não ter.

A mãe é dependente de um objeto, que não é mais o objeto de seu desejo, mas um objeto que se supõe que um outro tenha ou não o tenha.

A criança é abalada não só na sua crença de ser o falo de sua mãe, mas também, ela percebe que também não o tem, assim como sua mãe. Quem o tem é o pai.

#### 4.1.5 O terceiro tempo do Édipo

Esse é o tempo do declínio do complexo de Édipo. O pai não é mais aquele que é o falo, mas sim aquele que o tem, e dessa forma, pode instaurar novamente a mãe como alguém que deseja o falo e não mais como aquela que é privada dele (falo) pelo pai.

---

<sup>15</sup> Definida por Dor (1989) como uma falta. Uma falta que é real. O objeto dessa falta é simbólico.

<sup>16</sup> Ibid.: Falta imaginária de um objeto real.

É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo [o pai], e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar. (Lacan, 1958/1999, p. 200).

É neste tempo que ocorre a simbolização da lei. E esta simbolização dá o lugar exato do desejo da mãe. E é na medida em que o falo existe que o pai pode ser aquele que o tem e a mãe, aquela que pode desejar tê-lo naquele que o detém (o pai). A criança, da mesma maneira, poderá desejá-lo lá onde ele (o falo) se encontra.

Assim, a criança passa do primeiro tempo do Édipo, no qual ela se situa como falo, para ao fim desse terceiro momento, aceitando a castração<sup>17</sup>, como aquela que pode ou não ter o falo.

Essa dialética do ter e do não ter, convoca como saída ao jogo de identificações sexuais: o menino, ao renunciar ser o falo materno, identifica-se ao pai. Já a menina, ao identificar-se com a mãe, engaja-se do lado de quem não tem o falo.

#### 4.1.6 A metáfora paterna

Pela exposição que acabamos de fazer, podemos perceber que no Édipo está em jogo aquilo que Lacan denominou de metáfora paterna. Nas metáforas, entra em jogo uma substituição significativa. No caso da metáfora paterna, a substituição se dá do significante desejo da mãe, pelo significante nome-do-pai<sup>18</sup>. Há a produção do falo como significação.

---

<sup>17</sup> Ibid.: Falta simbólica de um objeto imaginário.

<sup>18</sup> Segundo Safatle (2001): é o significante da função paterna. O pai sendo aquele que encarna a Lei, de forma que, o sujeito possa unir o desejo, através da abertura para a estrutura simbólica, à Lei, feita pela interdição do incesto.

Por ser simbólica, é possível operar a função paterna como uma metáfora. Tomando-se o significado de metáfora como um significante que vem no lugar de um outro significante, o nome-do-pai entra em substituição ao falo como objeto de desejo da mãe. (ARAGÃO E RAMIREZ, 2004, p. 92).

A metáfora paterna se apresenta em três tempos: o primeiro é aquele no qual a criança é o falo para sua mãe. Mas, diante da ausência de sua mãe, ela tenta responder a questão, se ela é mesmo ou não é o falo.

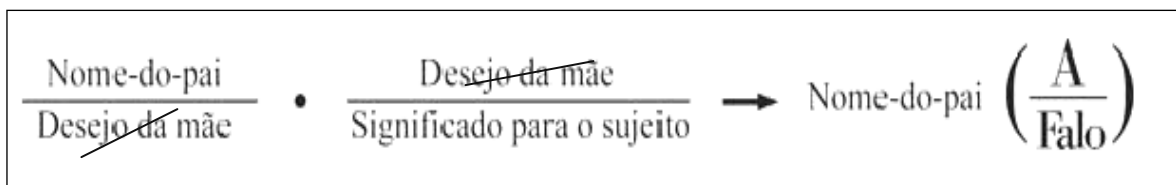
Ao atribuir as ausências da mãe ao pai, processo no qual ocorre uma associação significativa (mãe ausente = presente junto ao pai), a criança estará nomeando o pai, primeiro como um objeto fálico rival e depois como aquele que detém o falo. (ARAGÃO E RAMIREZ, 2004, p. 92).

O próximo passo, segundo momento dessa metáfora, é aquele no qual se impõe a presença do pai, vivida com um corte na relação mãe-criança-falo.

Ela supõe o pai como sendo o desejo da mãe. Dá-se também a sua entrada na ordem do desejo.

Já a última etapa, não se é mais o falo; se tem o falo. Ocorre aí a substituição significativa do desejo da mãe pelo nome-do-pai, tendo como significação o falo.

Esquemáticamente, temos:



Com a introdução da Lei, efetuando a castração simbólica, permite-se ao sujeito adentrar no campo do desejo – como um sujeito desejante. É com a introdução do significante nome-do-pai que a criança pode alienar seu desejo na

linguagem. Dessa forma, poderá buscar objetos substitutos do objeto perdido<sup>19</sup> para o seu desejo.

## 4.2 A CONCEPÇÃO LACANIANA DE PERVERSÃO

No subcapítulo anterior, apresentamos a conceituação lacaniana de um Édipo, que ao final de seu percurso, produz um sujeito cuja estrutura é neurótica.

Porém, no caso da perversão, algo diferente do que foi exposto acima ocorre. Algo se dá nessa construção de forma que, o perverso não ultrapasse da dialética do ser/não ser – ele não ascende à dialética do ter/não ter o falo.

A mãe, no primeiro tempo do Édipo é percebida como faltante – ela não tem o falo. A criança é o que falta a mãe, ela lhe é o falo. “É isto que está em jogo para o não-psicótico. A mãe *não tem* o falo, logo eu o *sou...* para ela!” (JULIEN, 2002, p. 107).

Mas, esta posição gera angústia: “Ser o objeto fálico para preencher o desejo da mãe é a angústia mesma de ser engolido por ela. (...) Com efeito, a perversão nasce daí como conseqüência da angústia.” (JULIEN, 2002, p. 108).

Por conseguinte, diante dessa angústia, o sujeito trabalha com o mecanismo de renegação – do fato da mãe não ter o falo. “Ali onde nela o falo *simbólico* falta, o sujeito coloca no lugar um fetiche como *falo imaginário*” (JULIEN, 2002, p. 108).

O fetiche se define como uma defesa contra o desejo da mãe. O perverso quer esconder a falta fálica de sua mãe – ele coloca ali, onde tem o Nada um objeto imaginário.

---

<sup>19</sup> Esse objeto é o falo imaginário, aquele que a castração destitui, a partir de uma falta simbólica. Essa falta simbólica remete a interdição do incesto efetuada pelo pai na relação mãe-criança.

O perverso desafiará a realidade do sexo feminino, seja através do fetiche em sua função de véu, seja disfarçando a mulher como agente da castração, delegando-lhe esse poder absoluto que, em retorno, faz dele o que, por seu próprio desejo, propõe seu corpo à mutilação e prova, pelo gozo que é o seu, que a dor é prazer, que o horror é fascinação, que a castração é uma forma refinada do gozo. (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 62)

Lacan (1957/1995), na aula de 30 de janeiro de 1957, afirma que o véu vem encobrir aquilo que falta à mulher. Uma vez colocado o véu, pode-se pintar algo, de forma que, se possa assinalar que existe algo para além do objeto.

Na presença do véu, o sujeito pode se posicionar, ou em sua frente, ou atrás dele. Quando o sujeito se situa na frente dele, segundo Julien (2002), podem ocorrer as seguintes perversões: fetichismo, homossexualidade feminina, masoquismo e voyerismo. Já quando o sujeito se situa atrás do véu, identificando-se com o gozo da mãe: transvestimo, sadismo, exibicionismo e homossexualidade masculina.

Antes de seguirmos adiante, consideramos importante destacar quatro termos na obra de Lacan: *objeto a*, *gozo*, *relação sexual* e *Outro*.

O objeto pequeno a é uma invenção lacaniana e, nos termos de Lacan, é o objeto *causa* do desejo. Segundo Safatle (2001, p. 1)

Pequeno a" é causa porque funciona como uma espécie de matriz transcendental para a constituição dos objetos nos quais o desejo se alienará. Todos os objetos investidos pelo desejo serão modulações de um único objeto cujo estatuto é o de uma fantasia fundamental. Um bom exemplo é o fetiche – uma matriz para a constituição geral do universo do perverso.

Quinet (2002) afirma que é o objeto que se encontra em todos os objetos do mundo que estão libidinizados; aquele que é reproduzido pela linguagem, na repetição dos significantes e que produz e gasta gozo.



Já gozo, segundo Melman (2003), está associado ao termo usual que se faz dele – remete ao gozo sexual e tem parcialmente uma relação com o prazer, mas também está além do prazer. O prazer para Lacan, afirma Melman, é uma forma de se proteger do gozo, assim como Freud dizia que havia um além do princípio do prazer.

O termo também é utilizado para se referir aos funcionamentos dos sujeitos que repetem incessantemente comportamentos sem reconhecer o que faz com que eles assim o façam.

O gozo está para além do princípio do prazer e sempre indica processos de transgressão de limites que tocam o sofrimento e a morte: 'O caminho em direção à morte não é outra coisa que aquilo que chamamos de gozo'. Até porque o gozo marcaria o encontro do sujeito com a pulsão de morte. (SAFATLE, 2001, p. 1).

Lacan afirma que não há relação sexual. Com essa afirmação, segundo Julien (2002), Lacan quer dizer do impossível encontro entre dois gozos, o masculino e o feminino, fazer um gozo só. Já Melman (2003) diz que o gozo fálico é aquele ligado ao masculino e ao falo – como uma instância organizadora. Já o Outro gozo é aquele ligado ao feminino e suplementar ao fálico, isto é, pela especificidade do feminino estar não-toda nele (no gozo fálico).

Quinet (2002) diz que o grande Outro (com maiúscula) é um lugar onde se coloca para o sujeito a questão de sua existência e onde ele encontra sua representação através dos significantes vindo daqueles que já ocuparam este lugar para ele: a mãe, o pai, etc. O lugar de seu discurso é o inconsciente. O Outro primordial é a mãe – é quem primeiro ocupa esse lugar

Julien (2002) afirma que Lacan dá um passo no seminário “De um Outro ao outro” ao introduzir na lógica da perversão o *objeto a* e o gozo. O perverso é aquele que se faz de *objeto a* para tamponar a falta do Outro, assim podendo manter o gozo dele e o Outro não barrado.

Assim, ainda de acordo com Julien (2002) o sujeito pode se fazer de suplemento de objeto a ou de complemento dele. Quando se faz de suplemento, entra em cena a pulsão escópica: sadismo e voyerismo. Já quando temos o complemento, a pulsão é a invocante: masoquismo e exibicionismo.

Prossegue Julien (2002) afirmando que para Lacan a perversão faz com que haja a relação sexual, através do não barramento do Outro.

“Finalmente, no Seminário RSI (nº 22) e no Seminário do Sintoma (nº 23), [Lacan] exprime sua última versão da perversão, indicando que ela é nada mais do que uma *père-version* ('pai-versão', uma versão que vem do pai).” (BARBERO, 2004, p. 161).<sup>20</sup>

Assim, encerramos a apresentação da perversão em Lacan e passaremos à discussão da homossexualidade na obra lacaniana.

### 4.3 HOMOSSEXUALIDADE NA OBRA LACANIANA

Roudinesco (2003) afirma que Lacan ao fundar a Escola Freudiana de Paris em 1964 permitiu que homossexuais tornassem-se analistas; diferentemente do que ocorria na IPA<sup>21</sup> nesta mesma época. Afirma ela que Lacan via a homossexualidade como “uma perversão em si: não uma prática sexual perversa, mas a manifestação de um desejo perverso, comum aos dois

---

<sup>20</sup> Seminário XXII, ainda inédito no Brasil. A referência do seminário XXIII encontra-se nas referências bibliográficas do presente trabalho.

<sup>21</sup> International Psychoanalytical Association.

sexos.”<sup>22</sup> (p. 191). Um pouco mais adiante, diz a autora que Lacan via o homossexual como “um perverso sublime da civilização”. (p. 191)

Continua Roudinesco (2002) afirmando que Lacan via o amor homossexual como uma disposição perversa que está presente em todas as formas de relação amorosa.

Já Barbero (2004) percorre a obra lacaniana destacando alguns importantes pontos sobre a homossexualidade. Percorreremos seus passos e os apresentaremos a seguir.

Afirma a autora, que as diferentes concepções de homossexualidade ao longo da obra de Lacan, se dão pela evolução dos conceitos de falo e de castração. É interessante notar, conforme ela afirma, que as noções de homossexualidade e perversão sempre estão juntas em sua obra, não necessariamente como sinônimos, mas muitas vezes Lacan considerou a homossexualidade, em especial a masculina, como um modelo de um certo tipo de perversão – pela identificação imaginária com o falo materno<sup>23</sup>.

Barbero (2004) diz que no seminário I<sup>24</sup> Lacan já diferencia a homossexualidade das “outras” perversões, acentuando que

o sadismo e a escotofilia, deixando de lado a relação homossexual que exigiria um estudo infinitamente nuançado da intersubjetividade imaginária, da sua incerteza, do seu equilíbrio instável, do seu caráter crítico. (...) Essa incerteza fundamental da relação perversa, que não tem como se estabelecer em nenhuma ação satisfatória, faz uma face do drama da homossexualidade. (BARBERO, 2004, apud LACAN, 1986, p. 139).

A autora, seguindo adiante nos seminários de Lacan, afirma que no Seminário IV<sup>25</sup>, ele se refere à homossexualidade feminina como sendo a “perversão” mais problemática. Situa também esta mesma homossexualidade na

---

<sup>22</sup> Acompanhando Freud, Lacan diz em 1976 que toda sexualidade humana é perversa. Afirma que a “psicanálise sequer é capaz de inventar uma nova perversão.” (LACAN, 1976/2007, p. 149). Julien (2002) diz que o gozo fálico é perverso, pois faz do Outro um sujeito completo.

<sup>23</sup> Conforme vimos no subcapítulo anterior.

<sup>24, 25</sup> As referências para esses seminários encontram-se no capítulo Referências Bibliográficas.

dialética do dom – dar o que não se tem e utiliza como exemplo o caso analisado por Freud da jovem homossexual<sup>26</sup>.

Já mais adiante, Barbero (2004) afirma que Lacan situa as relações homossexuais como apresentando “toda a variedade das relações heterossexuais comuns e talvez mesmo algumas outras variações a mais.” (BARBERO, 2004, p. 140).

No Seminário V<sup>27</sup>, Lacan apresenta, segundo a autora, a relação do homossexual com o pai. Dessa forma, fala do Édipo invertido – aquele que inclui o amor do menino pelo pai. É o fazer-se falo para o pai, através da via imaginária.

Ao falar da homossexualidade masculina, nesse mesmo seminário, Lacan afirma que há uma inversão quanto ao objeto dentro de um Édipo pleno e acabado, isto é, mesmo atingindo o terceiro tempo do Édipo, o homossexual o modifica drasticamente, seja por atribuir um valor alto ao objeto fálico, a ponto de exigir tal característica do parceiro sexual, seja porque é a mãe que dita a lei do pai.

No Seminário VI<sup>28</sup>, segundo a autora, Lacan afirma que seu entendimento sobre a homossexualidade está baseado em sua experiência clínica em analisar homossexuais. Diz também que ela não é uma exigência instintiva.

Quanto ao falo da homossexualidade, afirma que não é o do pai que está em jogo e sim, o falo que se encontra na vagina da mulher – o falo imaginário da mãe.

No seminário VIII<sup>29</sup>, afirma a autora, que Lacan faz uma afirmativa no qual coloca a homossexualidade dentro da estrutura perversa e independente do contexto social. “A homossexualidade não deixará de ser o que é, uma perversão.” (BARBERO, 2004, apud LACAN, 1994, p. 146)

---

<sup>26</sup> FREUD, Sigmund. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (11920) In: \_\_\_\_\_. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1996..

<sup>27</sup> A referência do seminário V encontra-se nas referências bibliográficas do presente trabalho.

<sup>28</sup> Ainda não publicado no Brasil.

<sup>29</sup> LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência** (1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Já no Seminário X<sup>30</sup>, Barbero (2004) assegura que Lacan, ao situar o falo, lembra que ele é um signo do desejo e por isso, um significante. Dessa forma, justifica o fato do homossexual precisar ver um pênis ereto para poder ele também ter o seu assim – “ele é o significante e ao mesmo tempo o objeto signo do desejo, o objeto do desejo, o objeto de atração para o desejo.” (BARBERO, 2004, apud LACAN, 1994, p. 147).

É neste Seminário que Lacan acaba com a necessidade de heterossexualidade, com a idéia de relação entre os sexos e com a diferença dos sexos sendo critério para balizar o desejo.

No seminário XI<sup>31</sup>, segundo Barbero (2004), Lacan fala que não há no psiquismo nada que possa diferenciar um homem de uma mulher.

Já no Seminário XVIII<sup>32</sup>, ao falar das mulheres homossexuais, diz “que elas não arriscam tomar o falo por um significante” (BARBERO, 2004, p. 159) e mais adiante, ainda neste seminário, afirma que a questão de ser homem ou mulher é algo relacionado à linguagem e aos valores sexuais e não mais ligada ao Édipo.

E finalmente, no Seminário XXI<sup>33</sup>, de acordo com Barbero (2004), Lacan afirma que o termo homossexualidade é inadequado. Assim, para se definir homem ou mulher, ele não se utilizará mais do Édipo freudiano e da diferença de sexo e sim, dos critérios lógico e da castração.

Encerramos a apresentação da questão da homossexualidade para Lacan e iremos agora ao capítulo seguinte, no qual apresentaremos algumas concepções atuais sobre a questão homossexual, que se utilizam principalmente dessa conceituação desenvolvida por Freud e Lacan.

---

<sup>30</sup> LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10**: a angústia (1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

<sup>31</sup> LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>32, 33</sup> Ainda não publicado no Brasil.

## 5. HOMOSSEXUALIDADE: DISCUSSÕES ATUAIS

Para discutirmos a homossexualidade, temos que ter em mente algumas importantes questões, como nós já apresentamos nos dois capítulos anteriores, as noções de masculino e feminino, de sexualidade – de diferença entre os sexos – e o contexto histórico.

Então, neste capítulo que agora iniciamos, temos por objetivo trazer à tona algumas das novas discussões que têm ocorrido, nos diversos campos do conhecimento, sobre as relações de gênero, sexualidade e, é claro, sobre a homossexualidade.

Há um grande número de artigos, livros e publicações, relacionados às questões de gênero, identidade e de sexo, que vêm surgindo nos últimos tempos e que não podem e não devem ser ignorados pelos psicanalistas, afirma Barbero (2004).

Em muitos desses estudos, encontramos uma articulação com a psicanálise, em especial com Freud e Lacan, que buscam problematizar, dentro do contexto sócio-histórico atual, as concepções de feminino e masculino, público e privado e heterossexualidade e homossexualidade. Buscam também a desconstrução de muitas dessas categorias, através da tentativa de situá-las historicamente e não mais como categorias universais.

Em todas elas, vemos uma tentativa de retirar a normalidade como sendo exclusividade da heterossexualidade. Tem-se também uma busca de retirar o feminino de seu movimento de circular em torno do masculino. Isso tudo sendo gerado, principalmente, pelos movimentos sociais surgidos nas últimas décadas e pelos novos lugares ocupados pelas ditas minorias: gays, lésbicas, mulheres, negros, etc. – que antes era de domínio exclusivo do masculino, heterossexual e branco.

Essencialmente, exporemos quais são as principais mudanças ocorridas na sociedade nos últimos tempos a partir dos descolamentos do feminino, para depois, apresentarmos essas novas teorias. Para seguir esse caminho, utilizaremos o texto de Arán (2003) como referência.

Diz a autora que, o início dessas mudanças se dá com o movimento feminista ocorrido a partir da publicação do livro Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. As conseqüências desse movimento, além é claro, daquelas relacionadas com as mulheres como mudanças na vida, nas escolhas profissionais, nos desejos e nas relações amorosas, podem ser estendidas para outras esferas da vida humana, tais como: no campo da política, da cultura e das relações humanas como um todo.

É importante ressaltar que, segundo a autora, uma das importantes desconstruções realizada pelo movimento feminista foi a da naturalização da condição feminina. Dessa maneira, possibilitou uma extensão para a condição masculina e dos homossexuais também. “A crítica ao modelo essencialista da diferença sexual dos séculos XVIII e XIX prosperou e deu frutos. Caiu por terra o projeto de tornar universal o modelo da dominação masculina, em que a mulher só tem lugar como objeto.” (ARÁN, 2003, p. 400).

A noção de sujeito universal também foi criticada por esse movimento. De acordo com Mariano (2005) o sujeito universal é uma categoria criada pelo pensamento liberal na qual, o sujeito é entendido como universal, livre, autônomo e racional. Porém, esta noção de sujeito e sua pretensa universalidade, esconde, na verdade, uma noção de classe, a burguesa e de gênero, o masculino.

Simone de Beauvoir, em seu livro O segundo sexo, foi uma das precursoras na crítica ao sujeito, desafiando sua presumida universalidade, neutralidade e unidade, argumentando que no mundo social existem aqueles que ocupam a posição não específica, sem marcações (sexual, racial, religiosa), ‘universal’, e aqueles que são definidos, reduzidos e marcados por sua ‘diferença’, sempre aprisionados em suas especificidades, designando o outro. (MARIANO, 2005, p. 484).

Nas palavras de Beauvoir (1970) temos: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”. (p. 10). Um pouco mais adiante, ela afirma, ao tratar da psicanálise que “Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade.” (p. 58)

Por conseguinte, os fenômenos sociais que analisaremos, acompanhando o percurso de Arán (2003) serão os seguintes: a crise da família monogâmica e heterossexual, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação entre sexualidade e reprodução e a política de visualidade da homossexualidade.

## 5.1 PERSPECTIVAS SÓCIO-HISTÓRICAS

### 5.1.1 A crise da família nuclear

É interessante observar, conforme Arán (2003), que a família, tal qual a concebemos no modelo pai-mãe-filho, é uma construção moderna e burguesa.

Usaremos a definição de família presente em Roudinesco (2003): “Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns aos outro.” (p. 18).

Assim, Ariès (1981) diz que até o século XVII a vida e, conseqüentemente, a família não possuíam o caráter privado. “A vida era vivida



em público. (...) Não que a família não existisse como realidade vivida: seria paradoxal contestá-la. Mas ela não existia como sentimento ou como valor.” (ARIÈS, 1981, p. 273).

Seguindo mais adiante com Ariès, ele afirma que esse sentimento surgiu entre o século XV e XVIII, nas classes mais ricas, mas que é só a partir do século XVIII que ele se estende a todas as classes. Consequentemente, foi a partir do século XVIII que as relações de educação, reputação e fortuna, antes vividas no âmbito público, passaram para o privado, para o âmbito da família.

“A história de nossos costumes reduz-se em parte a esse longo esforço do homem para se separar dos outros, para se afastar de uma sociedade cuja pressão não pôde mais ser suportada.” (ARIÈS, 1981, p. 274). É importante lembrar, como afirma Ariès que essas mudanças foram mais rápidas nas cidades industrializadas do que no campo. É um desenvolvimento que se deve a sociedade burguesa, industrial e moderna.

Porém, no pós-guerra esse modelo começa a ruir. Conforme Arán (2003) ele se deve, essencialmente, à diminuição das taxas de fecundidade, ao aumento dos divórcios e das separações, à indiferenciação dos papéis de pai e mãe, à crise da autoridade paterna e à centralização na figura da mãe. “É certo que a família nuclear não pode mais ser considerada uma base sólida para construção identitária.” (ARÁN, 2003, p. 402).

### 5.1.2 A mulher no mercado de trabalho

A entrada da mulher no mercado de trabalho fez com que novas situações fossem criadas: a substituição da força feminina no cuidado do lar pelos equipamentos modernos e a divisão com o Estado da criação dos filhos e dos cuidados com os velhos, afirma Arán (2003).

Essa mesma autora sugere que se no início (no pós-guerra) o trabalho feminino estava relacionado ao “complemento de renda”, devido ao “empobrecimento” ocorrido nessa época, hoje em dia, porém, ele já faz parte da identidade feminina. “Hoje as mulheres trabalham também porque querem. Independentemente da vida familiar, o trabalho feminino se tornou um valor.” (ARÁN, 2003, p. 403).

Um ponto interessante para salientarmos é a inversão dos papéis tradicionais que temos assistido em muitas famílias atualmente: a mulher emprestando sua força de trabalho para o mercado e os homens se ocupando do cuidado da casa e dos filhos. O que também coloca em xeque a construção da identidade masculina, da maneira como comumente é tratada.

### 5.1.3 Separação entre sexualidade e reprodução

Arán (2003) afirma que, com o advento dos métodos anticoncepcionais, em especial a pílula, as mulheres tiveram o aval social reconhecendo sua sexualidade e seu desejo. Assim, começaram a poder escolher quantos e quais parceiros gostariam de ter, sem que isso gere filhos de cada um deles. Puderam também escolher se queriam ou não ter filhos. Em caso afirmativo, passaram a poder escolher também quando o fariam.

Já a reprodução, de certa maneira, diz Arán (2003) pode se desvincular da relação homem-mulher através das reproduções humanas assistidas pela medicina. É interessante ressaltar que, há muitos casos onde não há a participação de um pai na geração de um filho – sendo que um homem apenas doa seu esperma para uma instituição médica, sendo esta responsável para distribuí-lo para as mulheres que quiserem ter seus filhos.

Diante desse quadro, o que consideramos mais importante é que, para além de cada caso específico, o que está em jogo é um conjunto de incertezas, que não aprofundamos aqui, mas que interferem no estatuto simbólico da filiação. (ARÁN, 2003, p. 405).

Concluimos, assim, esse item e lembramos que Freud já preconizava essa separação ao afirmar que toda sexualidade é perversa, pois é desviada de sua função primordial que é a reprodução.

#### 5.1.4 Os homossexuais

A partir da década de 80, de acordo com Arán (2003) assistimos a um movimento de reconhecimento e de luta contra a discriminação da homossexualidade através da saída da categoria dos termos médicos e do código penal.

Prossegue a autora dizendo que, a busca pela desconstrução teórica da categoria de homossexualidade se dá a partir da publicação da História da Sexualidade de Foucault<sup>34</sup>.

Como consequência, nos anos 1990 assistimos ao crescimento de uma política de visibilidade da homossexualidade, principalmente nos Estados Unidos, tendo como um marco o Dia do Orgulho Gay. Junto a isso, em vários países ocidentais, vemos surgir a luta pelo reconhecimento jurídico de casais homossexuais, que, embora assumindo diferentes formas de lei, de acordo com as características de cada cultura, coloca na ordem do dia uma rediscussão sobre casamento, família e filiação. (ARÁN, 2003, p. 406-407)

---

<sup>34</sup> A referência para este texto está no capítulo Referências Bibliográficas.

Encerramos nossa apresentação desses acontecimentos históricos destacando, conforme Arán (2003) sugere, que eles contribuem não só para mudanças sociais, como também para mudanças na subjetividade, pois objetam a noção de gênero e as diferenças sexuais.

A partir disso, apresentaremos brevemente alguns desses pensadores e exporemos de forma concisa seus pressupostos e suas problematizações. Iniciaremos com a obra de Judith Butler, para logo em seguida expormos as teorias *queer* e por último, algumas considerações de Jean Allouch, que faz uma articulação muito importante da psicanálise com toda essa problemática de gênero.

## 5.2 OS PROBLEMAS DE GÊNERO DE JUDITH BUTLER

Uma importante autora que problematiza as noções de gênero e de diferença sexual é Judith Butler. Situada dentro do movimento pós-estruturalista e pós-feminista, é natural dos EUA e seus trabalhos são fortemente influenciados pela psicanálise.

Em seu mais importante trabalho, *Problemas de Gênero*, ela desconstrói toda a noção de gênero ligada às teorias feministas, afirma Rodrigues (2005). “A divisão sexo/gênero funciona como uma espécie de pilar fundacional da política feminista e parte da idéia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído. Essa é a premissa que Judith Butler problematizava no livro.” (RODRIGUES, 2005, p. 179)

Ressalta a autora que o termo desconstrução não tem relação com desmonte ou destruição. O problema que Butler aponta é da inexistência desse sujeito do feminismo. Ela afirma que a teoria feminista presume que existe uma identidade definida na categoria das mulheres “que deflagra os interesses e

objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada.” (BUTLER, 2003, p. 17).

Butler declara também que, o temor de que ao se desconstruir a noção de sujeito, se invalidaria a luta política, é rebatido com a seguinte afirmação:

Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. (BUTLER, 2003, p. 213).

A questão do gênero ligada ao cultural faz com que não seja a Biologia o destino, mas sim a cultura.

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo da produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido com ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura. (BUTLER, 2003, p. 25).

É interessante salientar nessa passagem que Butler considera também o sexo como algo culturalmente construído e não só o gênero. Dessa forma, “O que Butler parece ter indagado foi, afinal, quando acontece essa construção do gênero? Foi em função dessa questão que ela discutiu (ou desconstruiu) várias das teorias feministas sobre gênero.” (RODRIGUES, 2005, p. 180).

Acreditar que o sexo seja natural e o gênero, cultural seria aceitar que o gênero expressa uma essência do sujeito, afirma Rodrigues (2005). É interessante observar com Butler que a famosa passagem de Beauvoir (1967) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (p. 9) não contenha a garantia de que esse ser seja uma fêmea.

A noção de sujeito, afirma Rodrigues (2005), não é completamente descartada por Butler; o que ocorre é o desmonte da noção de sujeito uno. O que Butler propõe é uma noção de gênero como *efeito*. “Meu argumento é que não há necessidade de existir um ‘agente por trás do ato’, mas que o ‘agente’ é diversamente construído no e através do ato.” (BUTLER, 2003, p. 205). Um pouco mais adiante, afirma que:

A reconceituação da identidade como *efeito*, isto é, como *produzida* ou *gerada*, abre possibilidades de ‘ação’ que são insidiosamente excluídas pelas posturas que tomam as categorias da identidade como fundantes e fixas. Pois o fato de uma identidade ser um efeito significa que ela não é nem inevitavelmente determinada nem totalmente artificial e arbitrária.” (BUTLER, 2003, p. 211).

Barbero (2004) destaca que há uma proximidade entre a noção de sujeito de Lacan e de Butler, uma vez que, em ambos os autores, o sujeito é concebido como um efeito do discurso. Quanto à noção de identificação e de escolha de objeto, Butler entende, assim como Lacan, que essas operações não se excluem mutuamente.

É curioso observar, como destaca Rodrigues (2005), que “Um dos desdobramentos do pensamento de Butler seria o fortalecimento das teorias *queer*, dos movimentos de gays, lésbicas e transgêneros e de um certo abandono do feminismo como uma bandeira ultrapassada.” (p. 181).

Iremos agora, então, discutir as teorias *queer* .

### 5.3 TEORIAS QUEER E OS GAYS & LESBIAN STUDIES

Segundo Barbero (2004) os *Gays & Lesbian Studies* tiveram origem na década de 80 nos EUA. Esses trabalhos questionam as noções de heterossexualidade, de homossexualidade, as identidades sexuais, as relações entre sexo e poder e os gêneros sexuais. Possuem uma forte articulação com a psicanálise, em especial Freud e Lacan e discutem em especial as concepções de desejo e de gozo e criticam toda e qualquer naturalização que elas contiverem. Acreditam que essas noções dependem do contexto histórico social e cultural em que estão inseridas.

As teorias *queer* também surgiram nas universidades dos EUA e se colocam contra qualquer forma de normalização e disciplina no erotismo. Aceitam sua posição marginal, não buscam uma equiparação entre heterossexualidade e homossexualidade e buscam desfrutar da condição de marginalidade. Dessa forma, atraiu não só gays e lésbicas, mas também as minorias excluídas como não-brancos, desocupados, transgêneros e outros.

Santos (2005) define a teoria *queer* como sendo fortemente influenciada “pelo pós-estruturalismo francês e pela psicanálise de Lacan (...), cuja principal inovação reside no desafio ao pressuposto até então dominante de uma identidade LGBT homogênea.” (p. 2).

Afirma a autora que há cinco idéias centrais na teoria *queer*:

(1) as identidades são sempre múltiplas;

(2) a identidade construída “é arbitrária, instável e excludente, uma vez que implica o silenciamento de outras experiências de vida.” (SANTOS, 2005, p. 2)

(3) a noção de identidade como algo aberto, fluído e sujeito à contestação.

(4) desafio do “regime sexual enquanto sistema de conhecimentos que coloca as categorias heterossexual e homossexual como pedras angulares das identidades sexuais.” (SANTOS, 2005, p. 2).

(5) apresenta-se como uma forma de teorização geral da sexualidade, desejos, ações, identidades, relações sociais, instituições, etc.

Portanto, a teoria *queer* partindo das exclusões criadas pelo movimento gay e lésbico propõe novas teorizações dada pela contra-sexualidade, isto é, contra qualquer norma que seja inclusiva e ou excludente de sexualidade.

#### 5.4 JEAN ALLOUCH

Jean Allouch é, segundo Barbero (2004), um pensador que faz uma interlocução desses estudos de gênero e da teoria *queer* com a psicanálise. Em seu pensamento ele destaca que “está acontecendo alguma coisa importante no erotismo, e uma posição analítica consiste primeiramente em dar a palavra.” (ALLOUCH, 2007, p. 1).

Ele destaca, na opinião de Barbero (2004), que os *Gays & Lesbian Studies* consideram a não relação sexual como não pertencendo ao campo do sintoma ou da patologia, diferentemente do que tem feito a psicanálise freudiana.

Afirma também que esses trabalhos da teoria *queer* e do *Gays & Lesbian Studies* nasceram numa sociedade onde a psicanálise privilegia a função egóica, com acontece nos EUA e que se tornou normativa e adaptativa. Assim, esses estudos entram num espaço onde a psicanálise não ocupou – que é o da erótica.

Barbero (2004) destaca em Allouch o fato de que ele considera que, na erótica moderna, há uma falha que permite a sobrevivência da antiga modalidade de Deus Pai Onipotente, dada através da sobrevivência da idéia de sexualidade para reprodução, da família e da relação heterossexual. Lembra também que esse modelo não se faz mais necessário uma vez que, a reprodução humana assistida pela medicina dispensa o sexo.



Encerramos nossa apresentação das questões atuais, nos quais estão inseridas a homossexualidade, e iremos para uma discussão acerca do que foi apresentado até agora – a título de considerações finais.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui percorremos diversos autores e apresentamos suas concepções teóricas de forma que, pudéssemos responder a nossa questão proposta lá na introdução que era a de que como pode e o que pode o analista diante da homossexualidade.

Em nosso primeiro capítulo, verificamos que as noções, tão arraigadas em nossa linguagem do cotidiano, de heterossexualidade e homossexualidade são datadas historicamente. Observamos que as relações entre parceiros sexuais pertencentes ao mesmo sexo nem sempre foram consideradas desvios e que em algumas sociedades, de um determinado período histórico, valorizava essas formas de relações.

Pudemos perceber também que a característica de desvio ou patologia ao qual a homossexualidade está/esteve inserida é uma criação moderna da *scientia sexualis* do qual nos fala Foucault (1999).

Refletimos sobre a homossexualidade no Brasil e concluímos que ela não se diferenciou muito daquela forma que era concebida lá na Europa no passado e que, atualmente, também não nos distanciamos tanto assim dos países considerados mais desenvolvidos (Europa, EUA).

Construímos, então, nossa base histórica para podermos adentrar ao pensamento freudiano. Dele podemos extrair importantes avanços na discussão da questão homossexual e, embora, a categoria ainda permanecesse no campo das perversões, a própria noção de perversão como patologia foi relativizada e principalmente, estendida para a sexualidade dita normal.

Com a apresentação do Édipo freudiano, podemos penetrar no intrincado universo da psicanálise desenvolvida por Freud e na sua concepção de sexuação e as conseqüências dela para a vida do sujeito – como o ser humano se torna mulher ou homem.

Além disso, discutimos os caminhos que podem ser percorridos por um sujeito para atingir a sua escolha de objeto e quais os “desvios” que ele pode eleger em seu percurso.

A noção de homossexualidade de Freud, categorizada dentro da conceituação de perversão nos permitiu assistir de que forma ele foi lidando com essa problemática ao longo de sua teoria, tentando, mas nem por isso conseguindo completamente, se desvencilhar das concepções da psiquiatria de sua época.

Notamos que houve um vai-e-vem em sua obra, mostrando o quanto complexo e intrigante se fazia a homossexualidade para ele. Principalmente, porque boa parte de seu pensamento estava ainda atrelado às noções de normalidade, sendo esta heterossexual e monogâmica, presente na família burguesa.

Tendo esse fértil campo apresentado, passamos para as nossas observações dentro da obra de Lacan. Com ele, podemos ver a estruturação de um Édipo, centrado na figura paterna, do qual o sujeito o atravessaria para poder atingir seu acesso à linguagem e ao desejo.

O Édipo lacaniano estruturado diante da questão do falo e da função paterna (importante lembrar que para Lacan trata-se de uma função e portanto, podendo ser ocupada por diversos atores) liberou a idéia de uma estruturação de sujeito centrado no órgão sexual masculino e ampliou para a noção de desejo – desejo de desejo, com ele mesmo nos colocou.

Porém, as idéias de diferenças sexuais e escolha de objeto são por ele mantidas e são descritas como resultado de uma escolha que o sujeito faz na dissolução de seu complexo de Édipo. O modelo de Édipo é também aquele estruturado na família heterossexual e burguesa.

Já na perversão que expomos a partir da teoria lacaniana, observamos uma expansão ainda maior do que aquela que ocorreu na obra freudiana. Lacan a colocou como sendo não só pertencendo as relações ditas anormais, como também afirmou que ela está na base de qualquer relação humana.

Estendeu também o conceito para a noção de desejo. Ressaltou também a inexistência da relação sexual, pela impossibilidade do encontro do gozo feminino com o masculino de fazer um, e situou o perverso como aquele capaz de fazê-la, uma vez que, mantém seu Outro não barrado. Mostrou-nos também o quanto custa isso para um sujeito, isto é, se manter na posição de se fazer *objeto* a desse Outro.

Prosseguimos nosso percurso na obra de Lacan conceituando a homossexualidade. Constatamos que ela está contida na estrutura perversa, sendo entendida como uma manifestação dela – em especial, da homossexualidade masculina.

É interessante que ele afirma que essa estruturação perversa está presente nos dois sexos e inclui assim a perversão na mulher, algo que antes era muito nebuloso para os estudiosos – a ponto de se dizer, antes de Lacan, que não havia perversão na mulher.

Outro fator importante dessa nossa discussão do conceito de homossexualidade em Lacan e que, em determinando momento de seu percurso, ele simplesmente desconstrói, é a idéia de que a diferença sexual é responsável pela escolha do objeto de desejo.

Destacamos também em sua obra que, em determinado momento de seu percurso teórico, ele concluiu que ser homem ou mulher está relacionado à linguagem e não a estruturação edípica, pois não haveria nada no psiquismo que dissesse o que é um homem e o que é uma mulher. Grande avanço para os nossos estudos!

No capítulo seguinte, analisamos algumas das novas concepções acerca da sexualidade, da noção de diferença sexual e das questões de gênero. Atestamos que as discussões sobre a historicidade se fazem novamente presente – elas estiveram distante da obra freudiana e por algum tempo, também em Lacan.

Levantamos alguns pontos na história social, na pós-psicanálise, sobre o que se estabeleceram os novos pensamentos sobre gênero e diferença sexual.

Destacamos a importância do movimento feminista na problematização desses conceitos e também o transpomos mais adiante no capítulo.

Por conseguinte, mostramos como a família monogâmica, heterossexual e burguesa tem ruído diante das novas formas sociais e dos lugares ocupados pelo casamento, pelos filhos e a crise da autoridade paterna e o fortalecimento da figura da mãe.

Além disso, apresentamos como uma outra consequência, a presença maciça das mulheres no mercado de trabalho e a criação de um valor dele para as mulheres – lembramos que antes o trabalho feminino valorizado (por homens e mulheres) era o doméstico.

A separação entre reprodução e sexualidade, já preconizada por Freud, e por isso caracterizada por ele como perversa, também foi relatada como sendo de importância para a constituição dos novos conceitos de gênero e de diferença sexual na atualidade.

A dispensa do sexo para a reprodução, através dos avanços tecnológicos na medicina, e a possibilidade de homens e mulheres se relacionarem sexualmente entre si livremente, permite com que novas formas de subjetividades possam emergir.

E focamos também a emergência e grande visibilidade dos movimentos gays e lésbicos e o fim da patologização e descriminalização da homossexualidade.

Lembramos que todos esses movimentos da história contribuem para a formação de novas subjetividades, pois colocam em questão as noções de diferença sexual e gênero, fundamentais na construção da identidade.

Analisamos, a partir dessas contribuições, a desconstrução da noção de gênero feita por Judith Butler, a partir da forma como o movimento feminista categorizava o sujeito mulher. Mostramos como ela atenta para o fato de que uma nova política poderia surgir com o fim dessa idéia de sujeito.

Butler aproxima-se da psicanálise lacaniana última, ao proferir que o sujeito e o gênero são efeitos do discurso, isto é, são construídos no e através do ato.

Partimos, então, para as teorias *queer*, que são fortemente influenciadas pela obra de Butler. Nelas podemos constatar que desconstrução da noção de diferença sexual e de gênero é jogada por terra. A crítica à normalização do dito anormal é repudiada e em contrapartida, é valorizada uma posição marginal e uma não identidade de homossexuais.

Com isso, são derrubadas as noções de heterossexualidade e de homossexualidade. As identidades são entendidas como múltiplas e que estão constantemente sendo construídas.

E por último, trouxemos algumas breves considerações sobre a obra de Jean Allouch que tenta fazer uma articulação da psicanálise de Lacan com essas desconstruções de gênero e de diferença sexual. Ele acentua esses estudos como sendo de grande importância para o psicanalista e mostra como eles vieram ocupar um lugar deixado vazio pela psicanálise.

Em nossa opinião os conceitos de homo e heterossexualidade de pouco servem ao psicanalista para o entendimento do sujeito que temos diante de nós. Concordamos com Costa (1995) que estes conceitos deveriam ser aposentados da prática e da teoria da psicanálise.

Acreditamos também, conforme Barbero (2004), que a psicanálise freudiana possui muitas noções que são normativas e adaptativas e que muitas vezes, tem como fio condutor a questão da heterossexualidade. Esta sendo o padrão e o que for diferente disto, desvio.

Entendemos que a prática clínica deve também ser situada historicamente, pois seus sujeitos estão vivendo de forma diferente daquela com o qual Freud se deparou.

Os sujeitos presentes ali nos divãs atravessam essas novas formas de subjetivação, conforme propõe Butler, e não podemos mais pensar só na

estruturação edípica como determinante da identidade e subjetividade, como propõe Lacan e depois, Allouch.

O sujeito construído no e pelo discurso é também construído na sessão analítica. É um movimento constante de criação de subjetividade que não pode estar distanciada da noção que o analista trabalha em sua clínica diária.

Notamos também uma grande dificuldade em encontrar material sobre essas novas articulações para a psicanálise e sugerimos que um estudo mais amplo e, também, mais detalhado, do que o desenvolvido aqui. Isso se faz necessário para que compreendamos e situemos mais precisamente essas novas constituições nos dias atuais.

Com esse trabalho, podemos perceber que a questão homossexual não se resume, para o analista, em busca de uma técnica para o tratamento. Ela trás consigo toda uma problemática da subjetivação que Lacan já falava em 1976.

Diante disso, não podemos conceber que um analista possa se situar frente à homossexualidade dizendo apenas que ele não tem preconceito e que sua escuta não é preconceituosa, porque é justamente por dizer que não tem preconceito, é que ele o tem.

Os critérios morais ou sociológicos não devem servir como operadores numa clínica psicanalítica. A psicanálise tem muito a dizer sobre a homossexualidade, muito a questionar, mas fundamentalmente, muito que dialogar com esses novos estudos e disciplinas.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRIA e excesso de bebida marcam a 12ª edição da Parada Gay. **Folha Online**. São Paulo, 25 maio 2008. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/fo\\_lha/videocasts/ult10038u404521.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fo_lha/videocasts/ult10038u404521.shtml)>. Visitado em 26 maio 2008.

ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. **Família no Brasil dos anos 90**: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual. 1999. 345 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1999. Disponível em: <<http://www.asselegis.org.br/familia.rtf>>. Acesso em: 25 maio 2008.

ALLOUCH, Jean. Entrevista a Laurent le Vaguerèse. 2007. Disponível em <[http://www.ciadefreud.com.br/artigos\\_detalhe.php?idartigo=13](http://www.ciadefreud.com.br/artigos_detalhe.php?idartigo=13)>. Visitado em 30 maio 2008.

ARAGÃO E RAMIREZ, Heloísa Helena. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 3, p.89-105, nov. 2004.

ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 11, n. 2, p.399-422, Jul./Dec. 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARIÈS, Philippe. Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

AULAGNIER-SPAIRANI, Piera. A perversão como estrutura. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, n. 3, p. 43-69, set. 2003.

BARBERO, Graciela Haydée. **Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade**: perversões ou variações do erotismo?. 2004



186 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

BÍBLIA Sagrada. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **Biblos**, Rio Grande, v. 19, p. 19-24, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso**: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, v. I, 1989.

DOR, Joel. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, v.1, 1999.

FREUD, Sigmund. Carta 71 (1887) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. I, 1996.

\_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos (1900) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. IV – V, 1996.

\_\_\_\_\_. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905a) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1996.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905b) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1996.

\_\_\_\_\_. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908a) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. IX, 1996.

\_\_\_\_\_. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908b) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. IX, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908c) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. IX, 1996.

\_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise (1909) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XI, 1996.

\_\_\_\_\_. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910a) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XI, 1996.

\_\_\_\_\_. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1910b) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XI, 1996.

\_\_\_\_\_. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides) (1911) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XII, 1996.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XIII, 1996.

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1918) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XVII, 1996.

\_\_\_\_\_. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões (1919) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XVII, 1996.

\_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e análise do ego (1921) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XVIII, 1996.

\_\_\_\_\_. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923a) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1996.

\_\_\_\_\_. O ego e o id (1923b) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1996.

\_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo (1924) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1996.

\_\_\_\_\_. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925) In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1996.

FROTA NETO, Eduardo Hugo. **Pela travessia da perversão**: leitura crítica de suas configurações psicanalíticas. 2004. 97 f. Tese (Doutorado). Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2004.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GRANT, Walkíria Helena. Considerações sobre a homossexualidade feminina. **Psyché**. São Paulo, v. 6, n. 9, p. 137-150, 2002.

JULIEN, Philippe. **Psicose, perversão, neurose**: a leitura de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

JURKEWICZ, Regina Soares. **Cristianismo e homossexualidade**. Florianópolis: Projeto Rizoma (Universidade Federal de Santa Catarina). Sd. Disponível em: <<http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/regina.pdf>>. Visitado em 25 maio 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1954)** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 3: as psicoses (1956)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto (1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 23: O sintoma (1976)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 3, p.483-505, Set./Dec. 2005.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004.

PAOLETTI, Bianca. **Homossexualidade: um lugar na cultura e na psicanálise**. 2007. Monografia (Trabalho de conclusão de curso), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. Disponível em:

PIRES, Andréa Lucena de Souza, PIRES, Angela Lucena de Souza, BICALHO, Clovis Figueiredo Sette et al. Perversão – estrutura ou montagem? **Reverso**, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p.43-50, dez. 2004.

QUINET, Antonio. A heteridade de Lacan. **Antroposmoderno.com**, 2002. Disponível em <[http://antroposmoderno.com/antropo-articulo.php?id\\_articulo=728](http://antroposmoderno.com/antropo-articulo.php?id_articulo=728)>. Visitado em 05 jun. 2008.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 1, p.179-183, Jan./Abr. 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SAFATLE, Vladimir. Glossário Lacanês. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, São Paulo, 08 abril 2001.

SANTOS, Ana Cristina. Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva. **Oficina do CES**, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, n. 239, nov. 2005. Disponível em <<http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.php>>. Visitado em 28 maio 2008.

SODOMIA. In. **Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=sodomia>>. Acesso em 26 maio 2008.

SODOMIA. In. **Michaelis**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em: <<http://michaelis1.locaweb.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=sodomia>>. Acesso em 26 maio 2008.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. **Psicologia USP**, v. 17, n. 2, p.135-155, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: Ariès, Philippe. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.